

Hi Xarabũ miyui tese haska xarabumis



História das árvores | Cultura das florestas
Terra Indígena Kaxinawa do Rio Jordão

José Rodrigues Paiva Kaxinawa

A Formação de Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFI) é uma ação de formação profissional de jovens e adultos de diferentes povos e regiões do estado do Acre. Visa a gestão territorial e ambiental de seus territórios e do entorno. Desde 1996, este programa educacional é desenvolvido como parte das estratégias do Programa de Gestão Territorial e Ambiental da Comissão Pró Índio do Acre (CPI-Acre). Faz parte de um trabalho mais amplo de apoio e assessoria ao Acre Indígena nos vários aspectos de suas demandas políticas atuais. Por meio dessa linha de trabalho, pretende-se dar subsídios para que os próprios membros das comunidades indígenas locais possam refletir, intervir e oferecer as possíveis soluções aos distintos problemas socioambientais existentes em suas terras. Considera-se especialmente importante a expressão e o registro dos aspectos culturais de sua compreensão do ambiente pela discussão das técnicas tradicionais e dos saberes diversos entendidos nas suas complexas relações “homem-natureza”. Prioriza-se neste trabalho educativo a formação das capacidades e competências para a gestão territorial e ambiental das terras indígenas, e a extensão rural que compreende o uso, o manejo e a conservação dos diferentes recursos naturais e agroflorestais que essas sociedades utilizam no seu dia a dia.





Hi Xarabũ miyui
tese haska xarabumis

História das árvores - Cultura das florestas
Terra Indígena Kaxinawa do Rio Jordão



*José Rodrigues Paiva Kaxinawa em atividade de etnomapeamento
Aldeia Boa Vista, TI Kaxinawa do Rio Jordão. Foto Renato Gavazzi*

COLEÇÃO SABERES DA FLORESTA

Hi Xarabũ miyui tese haska xarabumis

História das árvores - Cultura das florestas
Terra Indígena Kaxinawa do Rio Jordão



José Rodrigues Paiva Kaxinawa

AMAAIAC | CPI-Acre

Copyright - José Rodrigues Paiva Kaxinawa

Realização

Associação do Movimento dos Agentes
Agroflorestais Indígenas do Acre - AMAAIAC
Comissão Pró-Índio do Acre - CPI-Acre

Edição e revisão técnica

Renato Antonio Gavazzi

Revisão

Joaquim Mana Huni Kuĩ (língua Hãtxa Kuĩ)
Nietta Lindermberg Monte (língua portuguesa)

Ilustração

José Rodrigues Paiva Kaxinawa

Diagramação

Lumina Comunicação & Arte

Agradecimento

Maria Lucia Gomide
Rosangela Pereira Tugny (orientadoras da pesquisa)
Rafael Lopes Alódio

Coordenador da AMAAIAC

José Marcondes Rosa

Coordenadora Executiva da CPI-Acre

Vera Olinda Sena

Coordenadora do Programa de Gestão Territorial e Ambiental

Julieta Matos Freschi

Comissão Pró-Índio do Acre - CPI-Acre

Estrada Transacreana, Km 8 - cx. postal 61
CEP 69.900-970 - Rio Branco, Acre

E-mail institucional@cpiacre.org.br | www.facebool.com/comissãoproindigenadoacre
www.cpiacre.org.br

Agradecimentos

Eu, Agente Agroflorestal Indígena - AAFI José Rodrigues Paiva Kaxinawa, primeiro de todo quero agradecer à minha comunidade, como a educação, o agente de saúde, a liderança, os pajés, a segurança, a parteira, as artesãs, os alunos, que foram eles que me indicaram para trabalhar como AAFI na minha aldeia. E também agradecemos à minha família, minha esposa, meus filhos, filhas, netos, netas, genros e noras. Em terceiro agradecimento, eu quero agradecer mesmo ao nosso *epa kuxipa*, que ele que me deu essa oportunidade de meu conhecimento do estudo, e no quarto agradecimento, quero agradecer a nossa escola Centro de Formação dos Povos da Floresta da Comissão Pró Índio do Acre/CPI Acre, agradeço também todos os professores e as professoras, porque foram elas e eles que me ensinaram como escrever e desenhar o nosso trabalho.

Haskakenã hatibu enabu ã mae anu nũ hiweabu ã bake huni inũ, aĩbu xarabu na ã aĩ ã babawã, na ã rais, na hati shanẽ ibu xarabu, yusina, rauya, na ã bababurã, ã matuwẽ benimai ã benimai habia matu baria 2003 ki. Mã ea ni ibu tsaunibu, raya kũkirani hui, na eskatiã nenu maewã hene hushupa nushũ, yusinã huni xarabu inũ, yusinã aĩbu xarabutũ hatũ hãtxawẽ, ea kene makĩ, na ramiwa makĩ nuku yusĩ xinabu hanua, na eskatiã na bariã 2023 ki. Ë “monografia” ni xarabuã miyui tese ã bixa xina hawẽ henekĩ ã bixai, habia kuxipa inũ, na yuxibu xarabutũ ea merabewabu ã kapuke riashukirã, hatũ keneki ni ibu shanẽ txanã hene yuraya namaki hiweshũ ashuki; haux, haux.



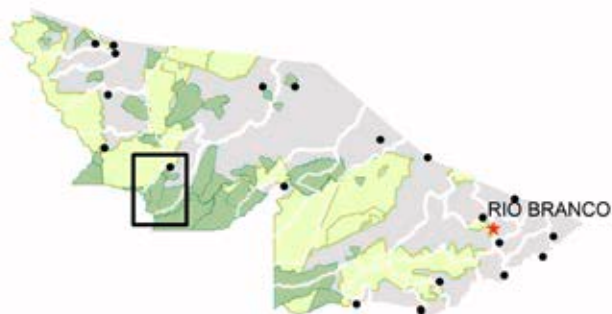
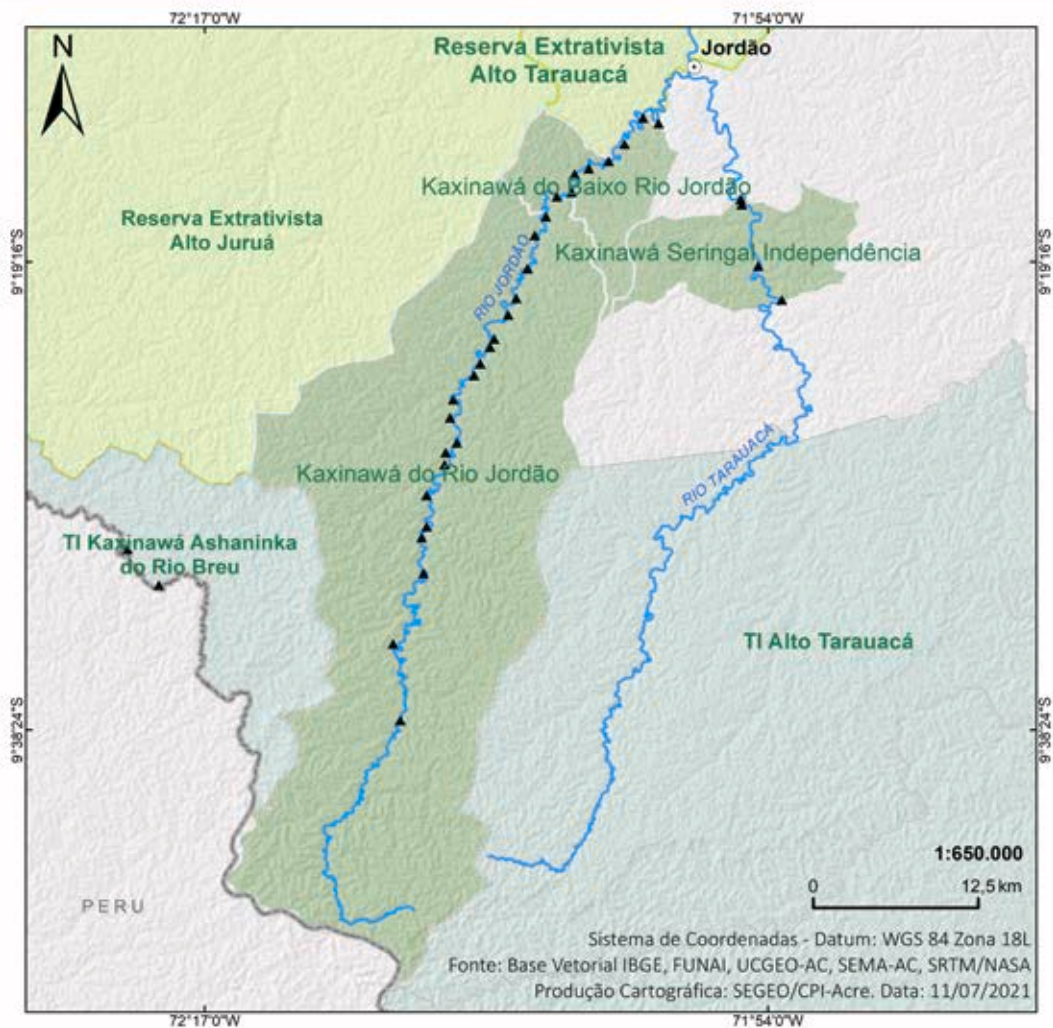
José Rodrigues em atividade de pesquisa. Foto Renato Gavazzi.

Sumário

9	Introdução
9	Minha história
12	O meu trabalho como Agente Agroflorestal Indígena
15	Marco verde – relato de 26 de junho de 2023
17	Os diários de trabalho na aldeia
20	Exemplo de relatório trabalho escritos no diário
29	Capítulo 1 – Pesquisas de histórias da nossa cultura da floresta
31	1. Shunuwā
33	História do samaúma grande
35	2. Kumānewā
36	Cumaru de ferro
39	3. Shai xarabu haskawātī
39	Vários tipos de pau de vassourinha
41	4. Shubi nāwā
41	História da árvore ofi grande
43	5. Nawabu ariri kena xarabumisbu
44	História da goiaba macho
46	6. Shumu bui miyui
46	História da floração da samaúma
49	7. Tau miyui
50	História do paxiubão
51	8. Manipei xarabu miyui
51	História da sororoca
55	9. Bani inu nerā miyui
55	História das duas pupunhas
57	10. Kākā miyui
58	História do ananás nativo
61	11. História do coco nativo da floresta
61	Kutā nimerā nua
63	12. História do jenipapo
64	Name muyui tese
66	Capítulo 2. Considerações finais



Terras Indígenas do Povo Huni Kuĩ do Município do Rio Jordão



Legenda

- Sede municipal
- ▲ Aldeias
- Limite internacional
- Rios
- Terras Indígenas (TI)
- TIs Huni Kuĩ do município de Jordão
- Unidades de Conservação (UC)

Introdução

As florestas são culturais, é onde nós vivemos e convivemos com as plantas, animais, pessoas e espíritos e dentro dela também tem muitas histórias dos povos que vivem dentro dela. Ao longo dos anos, de muitos anos, nós, povo Huni Kuĩ, manejamos as florestas, plantamos nas florestas, fazemos também as florestas e até agora nossa terra é quase toda ela coberta de floresta. As florestas são muito importantes para nós e para todos do planeta, pois é ela que ajuda a manter o clima e a vida no planeta.

Essa pesquisa é sobre as histórias de algumas árvores com espíritos fortes, árvores que nós respeitamos e outras que nós usamos. Essas histórias são bonitas e ainda as pessoas mais velhas contam e achei importante registrar algumas delas. Primeiro, pensei em deixar uma pesquisa para os jovens conhecerem melhor a nossa cultura, para os alunos das escolas indígenas que ainda tem pouco materiais didáticos que fale sobre nós, Huni Kuĩ, e para quem gosta de conhecer as histórias que vem e vive da floresta, do alto rio Jordão.

Minha história

Eu vou contar umas histórias que aprendi durante o trabalho da minha vida. Meu nome é José Rodrigues Paiva Kaxinawa, meu nome indígena é Txana Inu Bake, nome do meu pai é Osmar Rodrigues Paiva Kaxinawa, nome indígena e Txana Kuru Inu Bake, o nome da minha mãe é Maria da Conceição da Silva Kaxinawa e seu nome indígena é Pateani Banu Bake.

Eu nasci no dia 14 de setembro de 1971, no seringal Empresa Baixo Rio Jordão, na mesma boca de Igarapé Batista, baixo rio Jordão. Depois que nasci, o meu pai saiu e foi morar lá no Seringal Antena, no baixo rio Tarauacá. Ele foi trabalhar com o patrão Roberto Carneiro, um nawa. E entrou lá na colocação que chamaram. Fomos e ele trabalhou 5 anos cortando seringa para o patrão. Aí o cunhado dele, o Francisco Pinheiro Kaxinawa, chegou e falou para o meu pai dizendo para eles que ele foi buscar para morar junto com eles no seringal Fortaleza rio Jordão, onde o velho Sueiro Sales morava, trabalhando junto com todas as famílias e a comunidade dele, cortando a seringa em todas as colocações. Aí o meu pai entrou na colocação Buraco para cortar seringa. Quando nós estávamos morando na colocação junto com meu pai, em 1983, surgiu a educação escolar. O primeiro professor foi Joaquim Paulo de Lima Kaxinawa, mais conhecido como Joaquim Mana. Aí me matriculei com ele para aprender a ler e escrever. Porque meu pai e toda a minha família não sabiam escrever. Estudei só até a terceira série. Em 1990, eu estava com 20 anos e casei com minha esposa, e hoje ainda estou junto com ela no mesmo local onde ela nasceu. De primeiro, o povo chamava colocação Igarapé Boca de Aracúá, ela pertencia à colocação de seringal Fortaleza e é a aldeia Três Fazendas desde 2000. Na educação escolar fundamental do município colocamos todos os membros para trabalhar e abrimos e registramos nossa aldeia com o nome de Aldeia Verde Floresta, porque o meu sogro José Pedro Caxambu Kaxinawa abriu este local desde 1974.

Na mae shanē ni nāketapa, bepē tae wakina habia ē rais mestebū, hawē kena meka inu bakē aniki, habia bari “1974 centro” pashku beshkeya namaki hiweshū piaya nishū, kaya namaki peseshū maxi xarabu tama banati pe uītā, hamaki nawarā ē yukai kai nawarā; ikaini kashū anikiaki yukakinā. “Milto paixão” ha “seringal jardim” hiwe kena eskawanikiaki: Milto nenu huirā, ē tama hani banarima imis na maxi betsa nu ē banapai ikai aka. Hamaki mī tama banashū piriwe habianu hene keshā hiwe watā raya riwe anikiaki. Ha haskawa hushū anikiaki, ha pashku kena; hanaya tasuatū bais anikiaki, hiwewa katsirā, haskawani hiweshū habianushū, hawē bakebu bawatā hatu yumewatā rayai hiweshū ha bariā, 1989 hawē bake betsa ea ināni rayakī, bariā 2003 raya ni ibu raya kirāki ē unaki ē bixashuki habia hati nukū hamapai nukū mae anu, hayarā ē kene keyushuki.



*Coleta de cipó para construção de poltrona.
Foto Alan Hudson Souza e Silva.*

O meu trabalho como Agente Agroflorestral Indígena

Eu sou José Rodrigues Paiva Kaxinawa, na língua indígena eu sou Shane Txana Inu Bake, tenho 50 anos de idade. Moro na aldeia Verde Floresta, onde está a escola indígena Coração de Jesus, Terra Indígena Kaxinawa do Rio Jordão, município de Jordão no Acre. Eu moro com 17 famílias e 103 pessoas, todos falam em hãtxa kuĩ e também falamos em português.

No ano de 2003, a minha comunidade me escolheu e me indicou para trabalhar como Agente Agroflorestral da minha aldeia. No mês de março de 2003, comecei a participar da primeira oficina na Terra Indígena Kaxinawa Asheninka do Rio Breu, na aldeia Jacobina junto com o professor Tupi e Vera Olinda da CPI-Acre.

Depois disso, no ano de 2005, eu participei da oficina de etnomapeamento na aldeia Boa Vista e na aldeia Morada Nova, no baixo rio Jordão. Junto com 80 pessoas, todas as autoridades de cada aldeia como: professores, agentes de saúde, lideranças, pajés, segurança e todos os AAFIS. Estive em cada aldeia, junto com todos da Comissão Pró Índio do Acre, como txai Terri, Marcelo Piedrafita, Renato Gavazzi, professora Vera, professora Julieta, Pedro e Tupi e demais pessoas que ajudaram na oficina de etnomapeamento e monitoramento dos nossos recursos naturais que temos dentro da floresta. Em cada aldeia, dentro da nossa terra indígena, tem os nossos recursos naturais como peixes, caças, medicinas, rio, igarapés, lago, igapó, cipó, praia, pouso, roçados, capoeiras, nossos legumes, plantios de frutíferas e frutas nativas da floresta que nos alimentam e alimentam os animais. Tem nossa floresta, as palheiras de ouricuri, jarina, cocão, paxiúvão, paxiubinha, e nossa madeira de lei, como mogno e cedro. E também trabalhamos sobre o monitoramento, o nosso conhecimento, nossa cantoria, nossas histórias, que não podemos vender e nem dar para pessoas estranhas fora da terra indígena.

Depois que eu entrei para o trabalho de AAFI, já trabalhei na construção de viveiro, sementeira, de fazer repicagem, plantação de mudas em cada espaçamento de cada planta. Hoje tenho uma área de 260 por 100 metros, área de plantio que produz frutas e sementes. Abasteço a escola com merenda regionalizada e no município. A merenda regionalizada in-

dígena na minha aldeia Verde Floresta e escola indígena Coração de Jesus é assim: no dia de aula na escola na aldeia já tem o fornecedor próprio para abastecer a merenda para os alunos, mas como o fornecedor não tem como trazer a merenda, então eu ofereci de abastecer a merenda regionalizada na escola com as minhas plantas frutíferas como abacate, biribá, manga, lima doce, carambola, apuí, ingá de metro, pupunha, tangerina, banana, macaxeira, mamão, cana de açúcar. Abasteço com as verduras também: pimentão, alho, cebolinha, couve, e com isso abasteço a merenda na escola. Também já vendi minhas frutas no município. Um dia eu trouxe um saco de palhinha cheio de maxixe e uma saca de frutas de carambola. Foram tantas frutas que eu trouxe para vender no município, que eu vi muita dificuldade de vender, eu peguei só 4 reais das duas frutas, o resto joguei no rio. No ano de 2018, eu trouxe 1800 abacates e comecei vender para o nawa e os meus parentes e peguei só 60 reais. Aí eu deixei 900 abacates no mercado do município. O chefe do mercado é o Joca Melo. Eu fui pra minha aldeia, e quando no final do mês eu voltei no município, fui lá no mercado do Joca Melo e ele me pagou o valor de R\$ 246,00 do meu abacate. É isso. Eu, como agente agroflorestal, forneci a merenda regionalizada indígena com a planta de frutíferas na minha aldeia Verde floresta, e muito *pexari pexari haux*.

Também participei de 2 oficinas de construção de açude manual na terra indígena Seringal Independência, na aldeia Altamira, alto rio Tarauacá e na aldeia Três Fazendas. Também participei de 2 cursos de artes e ofícios na aldeia Boa Esperança e outro na aldeia Nova Cachoeira, no baixo rio Jordão, nos anos de 2019 e 2020.

Eu trabalhei no ramal de reabertura de picada junto com a minha comunidade, monitoramos o entorno e limites da minha aldeia. Quando entrei nesse trabalho participei de 15 oficinas itinerantes e assessoria. Já participei de muitos Cursos de Formação de Agente Agroflorestal Indígena do Acre, no Centro de Formação dos Povos da Floresta na CPI-Acre na capital Rio Branco.



Haskayarā ha ni ibu rayai irunishū, hati raya wati uīkī, nikakī ewashu ē unaki bixashuki, uīrakāwē raya ha nū ni ibuwā rayarā ē eskawashuki. Ha bariā 2003 irutānā, eskatiā bariā 2023 habia rabeti bariā ē nitxīshuki, ni ibu rayakinā, haskakinā tae wakinā mibā hiwewakī, na habia mibā heshe xarabu inū, na habia ni bimi xarabu hati nū pikī, nū sheamis ē banashuki. Hiwe rapi inū, bai nemakirā, ha banakatsirā heshe xarabu bishu ha nena sepa tiwē bais akī, shabawashū hanu kái ha shebatiwē mai yapu yapu akī, buspuwatā há heshe xarabu mī sa axiā, ha heshe xarabu shepe shei keyutā,

Hanū kái há, “saco” mai bemixpu bishū, manekī matawatā há, heshe ma shepesheai haki bana bāi bāikī ashū, ha mibā hiweanu mī sereīmashū, mī naxima ha mibā ma banati petanaya, mī akai mina buya betā keyu shuku kái banakinā. Kini shātu hatia inū, hatiu inū, hatishū ha mibā xarabu nitxī bāiti uī makinā, haskawatā unu ha mibā yumeai, keya tapa tanayarā takux kī pimatiki, haskaki ni ibuā rayarā, raya bestiama mī hatu yuiyai, minabu hatu kenatā hatu shukuwatā yukinā, shanē ibu inū, shanē ibutā, yu-metsu tima, txani txaka tima, yauxi tima, tiruma tima, pubē tima, xināyā ruapa hātxapa, enaya na nawā xia atima, mae anu beshu hatu amatima, na mibā betsabu metima, na nukunabuā nawā mabubu hatu biā tima, ē matu yuaiyai uīra kawē, enabū na rasi raya wati xarabu ē uī menishuki uirakāwē, mibāti uīkī, yāwāti uīkī, na hiwe kuma inū, na kebuā, na bekū mawā, hene nununa, neshu xarabu inū, na baka ina wakī haskawati uīkī, na nawā bua itsa xarabu piti kapāshu piti banakī, haskawati uīkī ē ashuki. Na buna inawati uīkī, ē ashuki, haskai ha una shubu “centro de formação dos povos da comição pro índio do acre” maewā hene hushupa nushū, ha nawa yusinā huni inū, ha āibu yusinā xarabutu hariri hatū hātxawē keneti ea uīmakī na habia nuku hātxawe ea kenemakī. Na habia unaki, ramiwakī, na hi ramiwakī ē ashuki, haskaki habia hati ha mae anua hati nu haya ē bixa shuki, nukū henerā, pashkurā, yuinaka xaraburā, nixi paerā, rau kuīna, nukū mimawa, nukū miyui, na nukū mimā xarabu, na nukū yunu xarabu, keneki ē ashuki, na ē mae shanē hanu repia, bai pakekī, ē ashuki ha rabeti bariā ni ibu rayakinā. Haskaya hatū kenekī: ea shane txana ni ibuā ē ashuki; haux haux ki enabu.

Marco verde. Relato de 26 junho de 2023

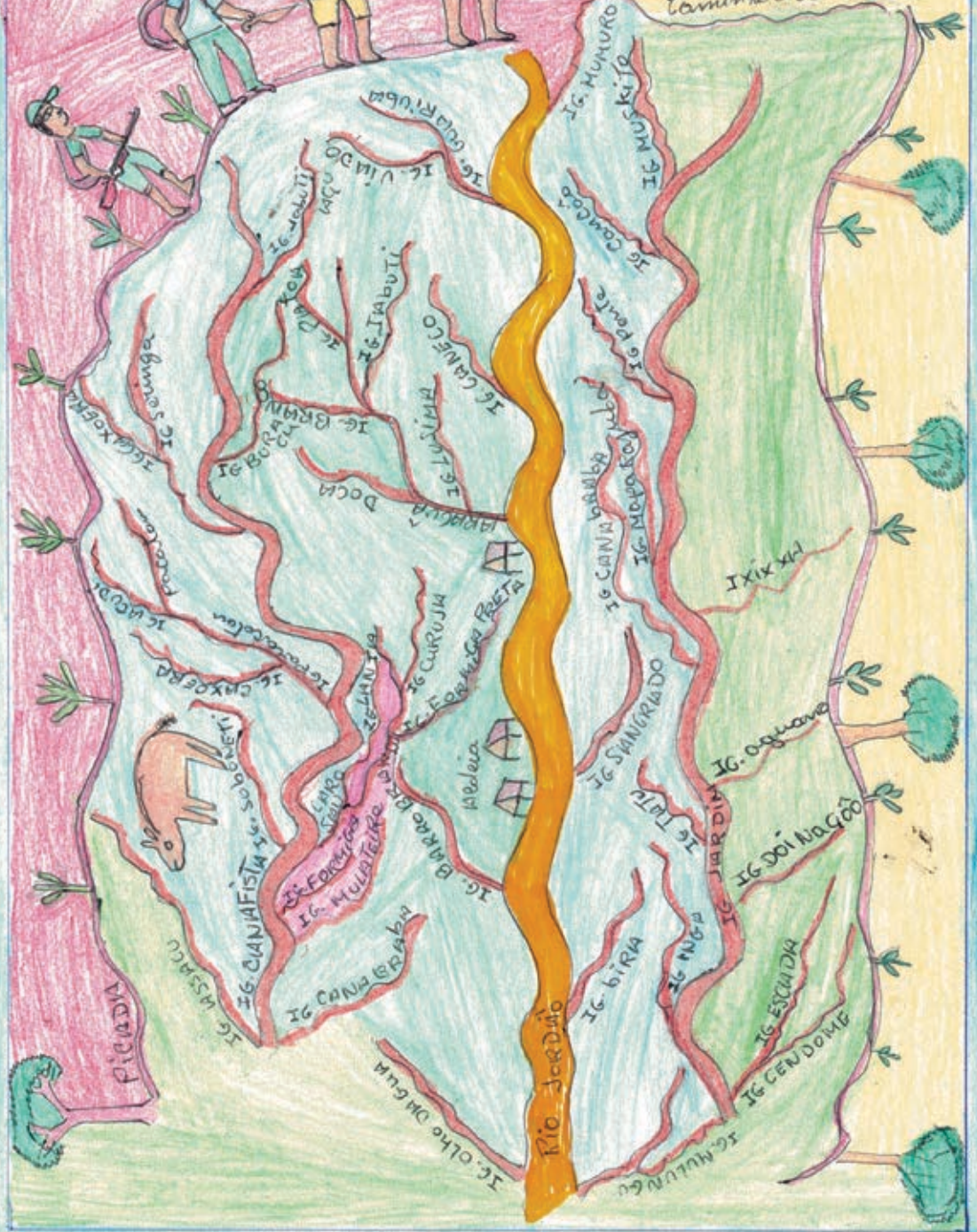
Vou escrever sobre o marco verde e as picadas de ramais internos no limite da minha aldeia Verde Floresta em 1985. Foi a primeira abertura de picada de ramais.

Na demarcação de Terra Indígena Kaxinawa do Rio Jordão município de Jordão Acre, quem trabalhou na primeira abertura demarcando a aldeia Verde Floresta foram: José Pedro Caxambu Kaxinawa, José Jurandir Caxambu Kaxinawa, Olavo Sérgio Peres Kaxinawa, Manoel Sérgio Peres Kaxinawa, Francisco de Assis Buretama Kaxinawa, José Caxambu do Nascimento Kaxinawa. Quando eles trabalharam não foi registrado nem foto nem escrito. O trabalho de picada, em 2019 a 2021 foi a nova abertura junto com comunidade José Rodrigues Paiva Kaxinawa, AAFI Francisco Pedro Sabino Kaxinawa, José Caxambu do Nascimento Kaxinawa, agente de saúde Manoel Laercio Caxambu Kaxinawa, estudante Isaac Caxambu Kaxinawa, estudante Jose Aniceto Kaxinawa, estudante José Celeste Kaxinawa, estudante José Nonato Macario Kaxinawa, professor Francisco Roseno Kaxinawa, estudante.

Nós trabalhamos no mês de setembro, começamos na cabeceira do Igarapé Assaco e finalizamos até a cabeceira do igarapé Seringa. Quando finalizamos a picada, fizemos reunião com a comunidade. Porque nós já abrimos picada e nós plantamos as frutíferas no meio das picadas e limpamos sempre uma vez por ano. No mês de novembro, nós plantamos 10 pés de mudas de abacate, 8 mudas de lima doce e 5 mudas de manga, 8 mudas de castanha, plantamos 4 espécies com 31 pés de plantas que eu plantei na picada e precisamos de mudas de frutas para plantar e fazer marco verde no meio da picada, e também precisa plantar as frutas na trilha, caminho da colocação antigo ou pique de caçada. Isso é importante nós plantarmos as frutíferas como castanhas, abacate, pupunha, cacau, patuá, bacaba e isso que eu, como AAFI, trabalhei na reabertura das picadas junto com minha comunidade.

Desenho de Marco Verde das Picadas
 AFI, SHANE TXANA,
 JORDÃO.

Caminho da Caipora



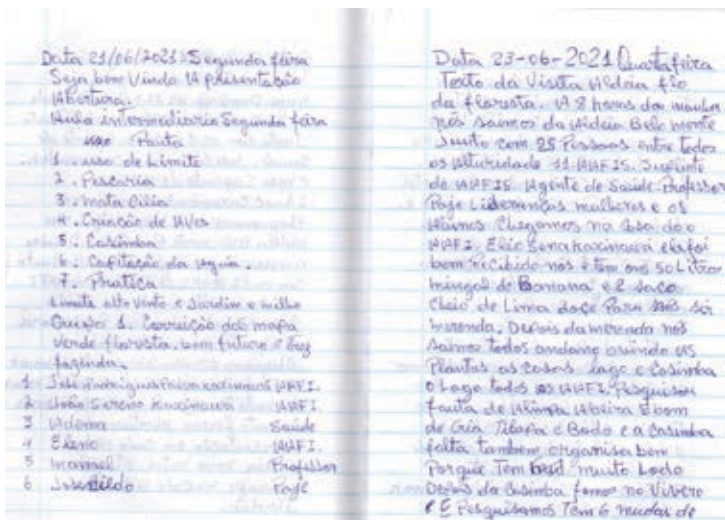
Os diários de trabalho na aldeia

Exemplos dos registros dos trabalhos realizados pelo Agente agroflorestal, nos diários de trabalho, entre os anos de 2005 e 2021.

O meu diário de trabalho na minha aldeia é a nossa ferramenta que eu, AAFI, registro todos os trabalhos que a gente faz, como aula prática e aula teórica nas aldeias, reunião, visita, intercâmbio para outras aldeias, medicinas, histórias da cantoria. E é isso que eu AAFI anoto, todas as atividades que eu faço, anoto tudo no meu caderno de diário para não perder, e nem esquecer. Os diários de trabalho são nosso material de registro de trabalho do AAFI.

1. Levantamento das espécies de frutíferas dos quintais da aldeia Verde Floresta

2. Visita na aldeia Flor da Floresta – Rede de Intercâmbio



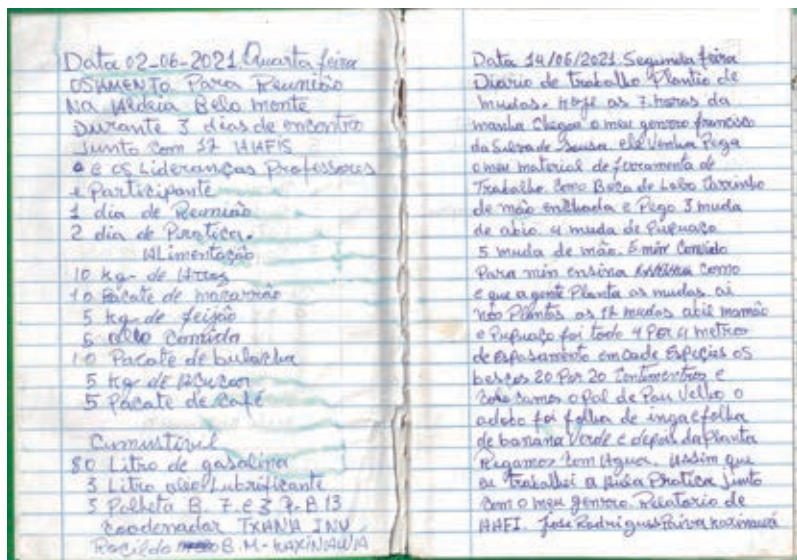
Páginas do diário de trabalho 2021

3. Projeto criação de aves



Página do diário de trabalho 2021

4. Trabalho de plantio de mudas e orçamento para reunião



Página do diário de trabalho 2021

Exemplos de relatório de trabalho escritos no diário

Diário de trabalho. Data 20 de dezembro de 2022, terça feira, diário de meu trabalho.

Atividade é fazer mudas de semente de graviola

Hoje terça feira, às 7 horas até 9:30h da manhã, trabalhei junto com 5 alunos

1. Marcos Caxambu Kaxinawa Kea /11 anos
2. Cristiana Caxambu Kaxinawa Ayani /8 anos
3. Clara do Nascimento Kaxinawa Buni /12 anos
4. Adriano Caxambu Kaxinawa Ibatsai /5 anos
5. Liandro Caxambu Kaxinawa Isaka /3 anos

Nós fizemos 53 mudas sementes de graviola, semeado no canteiro da horta orgânica, o material que nós utilizamos da aula prática: enxada, pá, peneira, carrinho de mão, saquinho de muda e luvas.

Nós pegamos o pau da palheira e misturamos com um pouco de barro areado.

Durante a minha aula prática eu fiz a explicação para os alunos como a gente faz: colocar o pau no saquinho, quando o saquinho está cheio não pode pegar na beirada e não pode bater muito, assim não pode espocar o saquinho, tem que ter muito cuidado. E também ensinamos explicando como a gente coloca a mudinha no saquinho.

Quando nós finalizamos a aula prática eu perguntei aos alunos que trabalharam nesse trabalho de AAFJ, aí os alunos me responderam, todos gostaram dessa aula que é importante fazer muda de toda semente de frutíferas e planta de roçado para a gente comer.

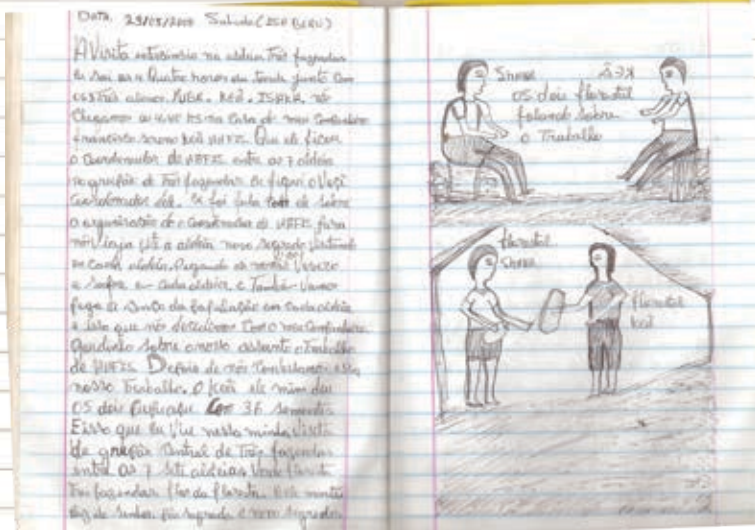


*Menino Huni Kuĩ plantando açaí.
Foto Josias Mana Kaxinawa*

Diário de trabalho - um pouco do relato da história da seringa desde 1975 a 1996.

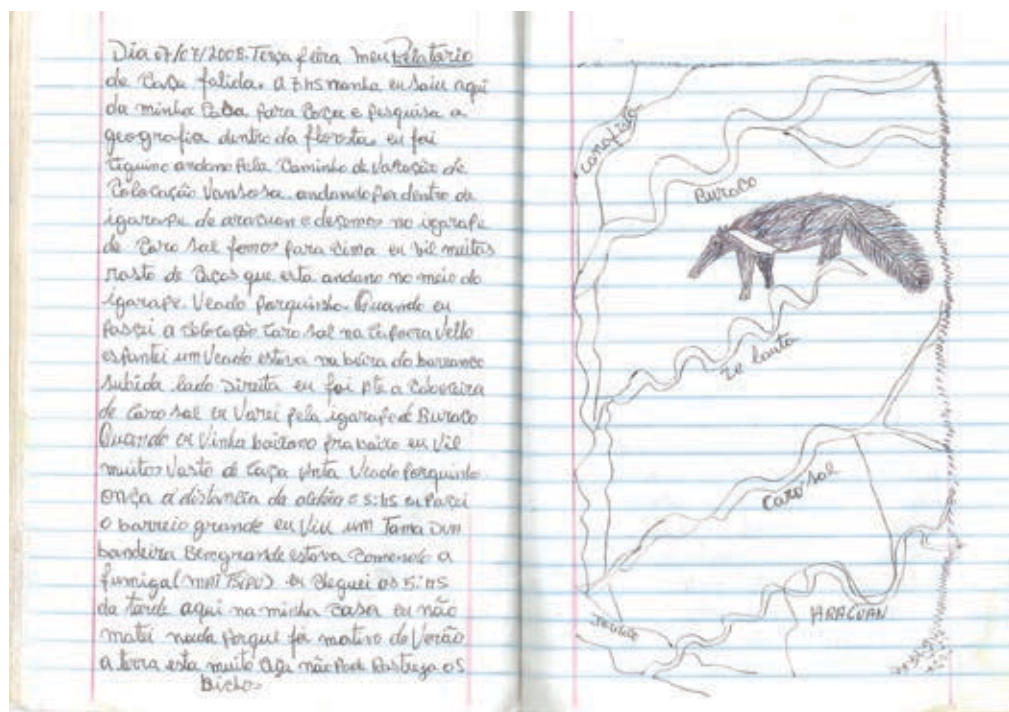
A história da seringa quando eu era pequeno, tinha 6 anos de idade, meu pai Osmar Rodrigues Paiva Kaxinawa, Keã Inu bake, e meu vovô Deumiro Rodrigues Paiva Shane Txana, junto com meus tios como Lever Mansel e João, nós entramos na colocação de Buraco na cabeceira de igarapé Buraco que cai no igarapé de Canafista. E quando chegamos na colocação cada pessoa ficou com uma estrada. O meu pai ficou com estrada de Chico Samuel. O Lever ficou com estrada de Arara. O Mansel, ele ficou com estrada de Buraco. O João ficou com estrada de Vai quem Quer. Meu avô ficou com estrada de Caro Sal. E começou a cortar a seringa quando eu ainda era pequeno, eu andava esperando o meu pai, meu avô e meu tio quando eles estavam cortando a seringa. De corte a gente saía às 5 ou 6 horas da manhã e fechava 10 ou 12 horas. Em casa, a gente comia alguma coisa e saía e voltava para colher o leite. Quando a gente chegava com leite, colocava na bacia no defumador, depois disso a gente buscava caroço de coco seco para fazer defumar a borracha, queimando na fonalha. A história de seringa é assim, é pau e madeira, e vale para os seringueiros viverem. O leite da seringa na fábrica, nawa faz roupa, sapato, bota, pneu de carro, avião, motor, bicicleta e moto.

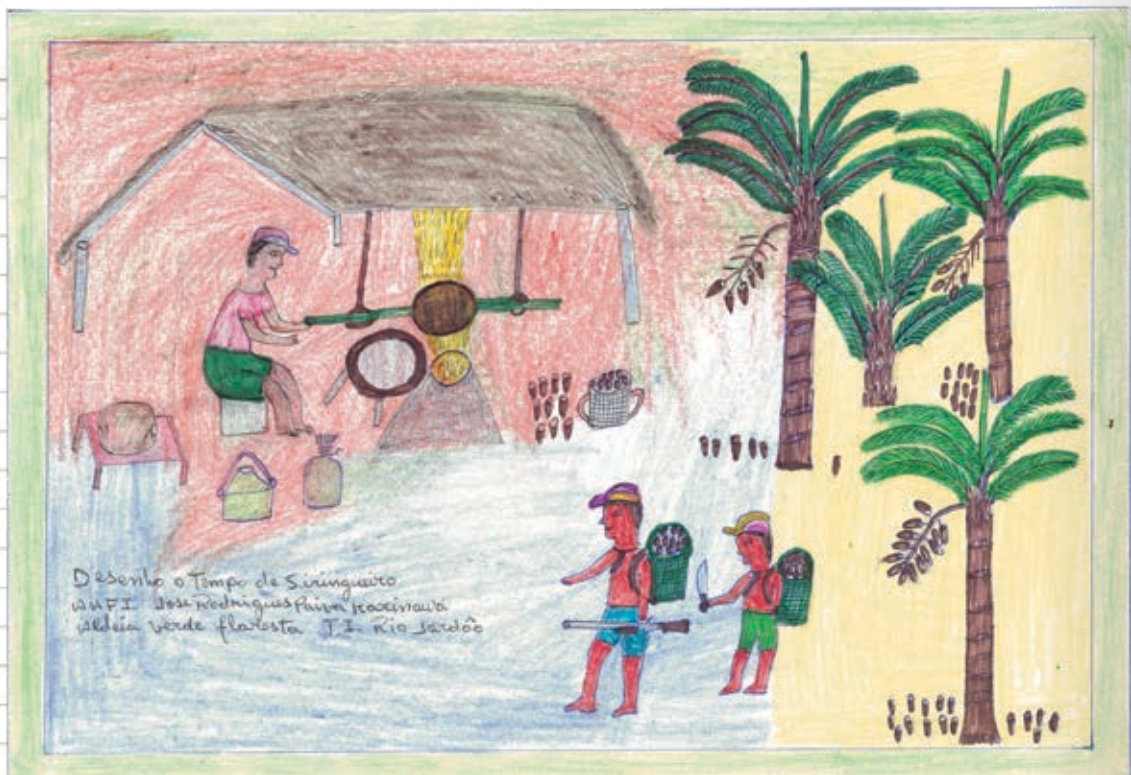
7. Intercâmbio nas aldeias





8. Pesquisa – geografia dentro da floresta





Diário de trabalho - data 04/10/2022 terça feira relatório da colheita de palha de ouricuri

A história da seringa quando eu era pequeno, tinha 6 anos de idade, Colheita de palha para construção de casa de 8 por 12 metros, casa de apoio, nós trabalhamos junto com as comunidades. Na comunidade da aldeia Verde Floresta trabalhamos Pawnawa, Isaka, Kea, Bane, Ixã, Shane, Bina. A comunidade da aldeia Bom Jesus foi Elias Sales AAT, Antonio Caxambu liderança, Eliesio Sales professor, Ildefonso Sales agente de saúde, Sidenir Sales Caxambu, esporte Francisco Roseno Sena Kazinawa, estudante, às 6h até 8 hs da manhã nos merendamos comemos macaxeira, mingau de banana, farinha com a carne de paca.

Nós iniciamos o trabalho às 8:30h da manhã e finalizamos às 15h da tarde. Finalizamos o trabalho junto com 15 pessoas, cada pessoa tirou 60 palhas no total geral de 900 palhas de ouricuri, tiramos 60 palhas por pessoa, derrubamos 20 pés de palheiras e manejamos 12 pés e antes de começar a tirar a palha, fizemos com uma pequena reunião porque as palheiras têm que ter fase de manejo, aquele pé muito alto não pode derrubar, aquele um pouco baixo pode derrubar, e aquele muito baixo precisa fazer o manejo. Fazer a observação das palheiras ou tem muito ou tem pouco de palheiras perto da casa na aldeia.

Porque as palhas também servem para construção de casa, galinheiro e privada. O olho da palha serve para fazer abano, o talo das palhas serve para fazer flecha e material para fazer arte, os cocos os animais se alimentam.



Diário de trabalho - data 28/09/2023 quarta feira diário de trabalho, sobre a atividade aula prática de horta orgânica

Hoje quarta-feira às 8h até 12 horas de manhã trabalhei junto com alunos, 10 alunos o nome dos alunos são:

Santa Rita Caxambu Kaxinawa, Mäkuani

Cristiane Caxambu Kaxinawa Ayani

Eric Caxambu Kaxinawa Yuka

Marco Caxambu Kaxinawa Txana kuru

Dimas Caxambu Kaxinawa Siã

Clara Nascimento Kaxinawa Buni

Fábio Nascimento Kaxinawa Siã

Maria Vanilda Monteiro Kaxinawa Buni professora

Francisco Pedro Sabino Kaxinawa Meka liderança

José Caxambu do Nascimento Kaxinawa Bina saúde

Nós trabalhamos com limpeza da horta e manejamos verduras, cebolinhas, couve, alho, coentro, pimentão e regamos. Fizemos aula de transplante, o material que nós utilizamos foi pazinha, terçado, enxada, pá, regador. Quando terminamos a prática da horta, fizemos avaliação com alunos para eles falarem o que aprenderam e o que acharam de importante na aula.

Relatório de trabalho José Rodrigues Paiva Kaxinawa na Aldeia Verde Floresta, escola indígena Coração de Jesus.

Hã, hã harã! Haux, haux!!

Relato - data 06 a 07 de junho de 2022 segunda e terça feira oficina conselheiros de saúde

Eu participei de 40 horas de aula na oficina de saúde indígena, junto com 30 conselheiros e demais participantes, o professor e lideranças, pajés e saúde local na aldeia São Joaquim Centro de Memória, Baixo Rio Jordão. Objetivo: plano distrital de saúde indígena. Plano de trabalho determinantes ambientais e fazer limpeza. Quando a equipe chegar na aldeia antes do início do trabalho tem que fazer primeiro a palestra com comunidade e a lei do conselho de agente de saúde está cuidando bem do trabalho.



Diário de trabalho - data 25/11/2022 sexta feira atividade plantio de legumes no roçado

O plantio no meu roçado novo é de 100 por 90 metros, plantei 3.000 covas de roça, 7 litros de milho moça, 100 pés de filho de banana, 100 covas pés de abacaxi. Plantei 50 sementes de pupunha, plantei direto, trabalhei junto com os 6 alunos. O material que utilizamos na aula prática de plantio de covas de maniva foi enxada, o espaçamento foi de cada metro e meio de espaço, o plantio de banana foi 10 por 10 metros de espaçamento material utilizado foi boca de lobo, o plantio de milho foi estaca de madeira roliça, plantio de abacaxi foi 2 metros x 2 metros espaçamento em covas. Plantei 50 sementes de pupunha, o plantio direto a cada 10 em 10 metros de espaçamento.

Hã, hã harã! Haux, haux!!

HUNŪ IKAI TIĀNĀ BAI RABEWATIKIĀKI



Capítulo 1

Pesquisas de histórias da nossa cultura da floresta

Hanu ha ē hutxi mestebu inū, ē txai mestebū ibubu shaba inū, ushe na bari menimarā, baiwa kinā, tamawa kinā, habia hixarabu huayai ki inū, na bimiaiki akūbirā nabukiaki. Ni baiwakinā habia yukā bimi hua taxi rakatana, taewa paunibukiaki. Hanurā ma yutā nukui tai, bariā tae kiranayarā; haska inū, ha bui huaki apaunibukiaki; tamawa kinā ha bui huayai tiānā ma yutā nukui, ana ui ikama na ana bai matama hene beshnā tanaya apaunibukiaki. Haska inū, uiyā baiwakinā hunū bimi yaiki akūbirā nabukiaki habia ui napumā sepashū reratā kuama habiaskanu sheki sa ashū, mananū ha sheki petanaya mabesh washū akī keyutā, ha sheki shai bekux keyutā ketiā ha bai menui keyuaya bana paunibukiaki, hunū bimikirā rabeki baiwa tikiaki haska bestiki.

Antigamente o pai e a mãe dos meus avós trabalhavam acompanhando as florações e as frutas das árvores, a época da chuva e o tempo do verão. Antigamente o povo Huni Kuī não sabia os nomes dos dias, das semanas, dos meses e dos anos. Eles sempre viam quando saíam as flores na floresta. Quando eles viam a goiaba macho florescer, já começavam a brocar o roçado. Já sabiam que chegava o tempo de verão e a chegada do frio. Era o tempo de engordar os bichos. Quando sai a flor da sumaúma-cêra, é tempo de plantar mudubim na praia (mês de junho). Já é verão e não chove mais. O rio fica limpo e não tem alagação. Por isso, é tempo de plantar mudubim. Tem as árvores que gostam de produzir frutas no fim do inverno (final de março e início de abril). O nome dela é Coração de Negro/guela de jacú/Arueira (*Hunū*). Quando ela está dando fruta, também é o tempo de começar a brocar, derrubar tudo e semear o milho dentro do roçado. Quando o milho cresce e fica no tempo de comer, eles colhiam, faziam caiçuma,

bebiam e trabalhavam. Quando o milho seca, broca de novo e toca fogo. Assim queima bastante o roçado e planta todos os nossos legumes para produzir bem. No tempo que sai fruta do Coração de Negro, fazemos dois roçados: o roçado do milho e o roçado dos legumes. Brocamos no fim de março e semeamos o milho, em junho o milho já está seco. Colhemos tudo e batemos. Quando termina de bater, toca fogo. Aí queima bem e depois a gente planta tudo: banana, roça, macaxeira, milho, mamão, batata doce, inhame, taioba, cana. Antigamente a fruta do Coração de Negro servia também para pescaria. Derruba ela, colhe, pisa no pilão. Joga no igarapé e morriam os peixes todos. Contaminava o igarapé e durante 3 anos não nasciam mais peixes.

A seguir as histórias das árvores: *shunuwã* (samaúma grande), *kumanewã* (cumaru ferro), *shai xarabu haskawati* (vários tipos de pau de vassourinha), *shubĩ mǎwã* (árvore ofê grande), *maxu/pau boi/vassourinha* (goiaba macho), *shunũ bui miyui* (floração da samaúma), *taũ miyui* (Paxiubão), *manipei xarabu miyui* (sororoca), *bãni inu*, *nenã miyui* (das duas pupunhas), *kãkã miyui* (ananás nativo), (coco nativo da floresta).



Roçado Huni Kuĩ. Foto Ana Luiza Melgaço.



1. Shunuwā

Ni xarabutū miyui tese, shunuwanē miyuirā eskani kiaki: ha ē rais hawē kena banītia. Nawa nawē; Jose Pedro Caxambu tese xarabu kiaki hawē ibu hunī hawē kena nawa nawē Pedro caxambu, hawē kena kuī bina shubu txaniai nīka pauni kiakirā. Shunuwānā na habia ni xarabutū shanē ibu kiaki, yuxibu kiaki, haskaya ha bai taei ikubirākī, uī kubirā niburā eskayama kiaki: kuī rume teneni aību rabe hatu bia hiweshū, hatu rayashunama ha hatu mitushunama, hatu baiwa shunama, habia hiweta besti txītū tiwē besti rakashū hawē rume besti puaki. Na hawē reshke shetekī, na mukukī, na nixi pae besti aki rakashū, hatu uīmis, naxixma hawē risirā unu mexu txakama hiwea, haskaya ha hawē aī betsatū huni betsa betxi manishū peumamis. Haskaya ha yaxuku nawa uisma, hanukaī ha shaba raki repi tanaya kaya-

ma kiaki. Ma habiaskamis, ě pui kai ika ka, unu nixma yamakiaki; askaya kayama kiaki, ha yaxuiku nawa butukawā hawē haxi inū, na hawē binu bitā kara, unu hawē mani namāshū hunī peuwai ū tuxiamakiaki. Askaya anikiaki, hawē haxiwē namakis ha huni txatxi baī hawē aī txatxi riakinā, askawatā sai, sai ikirā henē pu itā mapu bitā mashkirā. Ha mashkiarā, unu mexu hababai naya, ha baka xarabu rebu biranirā. Askatā kanikiaki, hawē aī betsabetā hawenabu ūinū ika kairā; unu hawē pui betsā hiweanu nukuirā, ha nukua ushaxini kaya anikiaki:

- Hutxī ha bai namakirā shunuwā ewapa nianu, buabunā habia hamē xinames mexumiski, askaya ha nuku nabu askatima tsaukē; yuxī shetayā hatu pimiski hutxi! Aka. Ewā ūinū ika kara, iamakiaki mexuirā, ha mexuwaya anikiaki, hi mebi shana xarabu bishū ketiwakina. Ha ketiwa txi hi ikaya, mai kētiwē mabeu menikiaki. Askawatā tsaukē unu nixma rakakē, nikanikiaki unu ha shunu puyā nua kurē ikū kirani huai nikanū, butuai nīkatā hawē aī aki:

- Hari txi herewawe aka!

- He! Ishū ha kēti mabēuwa mabitanarā, ikirā yamakiaki; yuxī shetaya huirā. Askaya anikiaki hawē pakawē namakayās txatxikinā, askawa ana hauri ina kainikiaki. Askakaikē tsaushū nikanū iamakiaki, hawē ainē hawē bake xarabu kenakinā, eskanikiaki habia ha shunu puyā tibiki hiweabu kiakirā eskani kiaki hatu kenairā:

- Kukā rakabaitī? Aka.

- He? Ikaya betsa akī:

- Kukā bai tana baīti? Aka:

- He! Ikaya betsari akī:

- Kukā shashumā? Aka:

- He! Ikaya, betsa hawē henei akī:

- Kukā isu betxupē? Aka:

- He! Ikaya:

- Na matū epa nawā aka hua ana nuku peshunamaki, ūiri bekawē! Hatuwa hē ikaibu nīkai rakakē, unu ě ikai nīkani kiaki. Ha ě ika nixmatā, iamakiaki kawanirā rāka ikirā tī ikaya anikiaki, há yaxuiku nawa sai, sai

iwanã hawê binuwê mapus, mapus akinã. Haskawatã kanikiaki ha haska yamakenã na eskatiãna shunuwãna; yuxibu nu meniriki habia hawê yura putxini nawa bakũ ewapa tsamia na nawa tete ewapatũ hawê texparã nawa-shũ batxi pakeshũ tuxashũ, yumewa miski. Bake ixta ewapama uĩmakĩ inũ, unu hanamã iutimaki, kashama timaki, haskai na eskatiã, yurabu ha namãshũ tsauti washũ tawas pewatã hanamã hiwe watã, habiarishũ nukũ rau kuĩ xarabu banabirãki, na habianushũ nixi pae akĩ, na rume reshkewê reshũ iki. Na shane rãtã ikawê betxeshekei, na kãpuwê txushui itã, habianushũ txikãmawã berukĩ nuku rewe mimawa xarabu mawabirã kanikiki, haskabestiki ã yui tesorã hatu keneki: ni ibu shanê txana mae, hene yuraya namakia, shanê ni nãketapa hiweshũ ã ashuki. Haux haux.

História da Samaúma

Samaúma da anta. Vou contar um pouco da história da samaúma.

Temos histórias de várias árvores. Esta é a história da samaúma e o que ela significa. Esta história ouvi do meu sogro, José Pedro Caxambu. Conto uma parte de suas histórias aqui. Ele aprendeu com seu pai, Pedro Caxambu. Ele ouviu seu pai contando.

A samaúma é a chefe das árvores da floresta. É o governo da floresta. Ela é um pajé. Nos primeiros tempos, de quando surgiu o povo, ele viu o que aconteceu. Tinha um pajé de fumo, rapé, *nixi pae*, seu nome era Kuĩ Rume Teneni. Ele tinha duas mulheres. Como ele não andava, não fazia roça e nem caçava para as duas mulheres, a outra mulher começou a namorar escondido. Ele não sabia. Um dia, quando a mulher foi na mata para cagar, ele foi atrás dela. Quando o pajé foi atrás, topou com ela transando com o namorado. Ele tinha levado lanças e matou os dois. E voltou gritando. Quando chegou na sua casa, como nunca tomava banho e sua rede era muito suja com cheiro de tabaco, ele desceu para o igarapé para tomar banho. Quando desceu, pegou o breu (*mapu*), o barro branco que é um sabão, e se ensaboou, sua sujeira foi descendo no igarapé e fez os peixes pularem por causa do fedor. Os peixes morriam todos. Quando chegou na sua casa, falou com a outra esposa: “Vamos sair, mulher. Como aconteceu este problema aqui, vamos visitar nossos parentes que moram em outro canto”. Chegaram

aonde estava sua primeira irmã. Dormiram. À noite, a irmã falou para ele: “Amanhã você vai andando até onde tem uma árvore grande que se chama *shunuwã*, quando a pessoa chega perto dela, a noite chega, o dia escurece. Pode ser em qualquer hora do dia. A pessoa não tem como andar e fica ali pra dormir. Tem um bicho lá em cima que desce e come. Quem anda para lá, a gente nunca mais vê”.

O pajé foi então andando na direção da samaúma e aconteceu. E lembrou do que a irmã disse. Ele cortou folha de jarina e ficou de tocaia. Quando terminou de fazer a cabana para passar a noite, pegou os galhos secos e fez um fogo. Aí ele ficou perto do fogo com a mulher, sem fazer barulho. Quando passou um tempo, ele ouviu o barulho lá de cima, e viu o bicho descendo até o chão. Quando o bicho desceu, ele mandou a esposa abanar o fogo para clarear a noite. Aí ele viu o bicho que vinha pegar ele. Pegou a flecha e o flechou. Quando ele flechou, o bicho subiu para trás e gritou. O homem ficou sentado, ouvindo. Demorou mais de duas horas. Lá de cima ele começou a ouvir o gemido do bicho que foi flechado. Quando ele estava gemendo, a mulher do bicho começou a falar chamando todos os filhotes do bicho. Em cada galho morava um filho dele. A mulher ia dizendo: “- Meu filho, vem acudir seu pai, porque o *nawa* flechou seu pai. Ele vai morrer”. De cada galho, os filhotes iam respondendo. Demorou um pouco e o bicho flechado caiu no chão. Aí a mulher do pajé abanou mais o fogo. Clareou e viram que o bicho estava morto. O pajé ainda deu mais um golpe de lança no bicho. Ele percebeu que *Shunuwã* é *Yuxibu*. As abelhas arapua (*nawa baku*) gostam de morar no meio da árvore. O gavião real também gosta de fazer ninho na forquilha da samaúma. É ali que ele cria seus filhotes. Ele percebeu que a samaúma é um pajé. Ali não se pode levar criança menor de 5 anos. A criança não pode chorar perto da samaúma, porque ela pode pegar. Meu sogro viu esta história. Eu ouvi quando ele estava contando para o neto dele e registrei.

Como estou fazendo pesquisas sobre a floresta, abaixo da samaúma a gente limpa, broca a uns 50 metros em redor dela, e planta as medicinas embaixo. Hoje em dia, fazemos o banco para sentar, fazemos casas na sacupema dela, tomamos *nixi pae*, tomamos rapé, tocamos violão e cantamos nossas músicas da cultura. É lá que usamos *sanango* e tomamos injeção de *kãpũ*. Lá também fazemos dieta. Junto com a samaúma tem o cumaru, tem a castanha do porco. Todas elas são árvores-pajé.

2. Kumānewā

Kumā newānā habia hi ewapariki, kuxiki shākī ewapa yuxibuki bimiyairā; ma habia bariā tae kirā naya imiski, ha hawē bimi bitāshū mī shuyarā, yameki matsi txakayama miski, haki yutā nukuirā. Haskai inū, hawē bimi tupikai mī hātxa kūkainayarā, ha kumā bimirā; hunei keyu miskiaki, askairā mī pusa tirumaki, hawē bimirā ha pikatsirā nuku nabunā, mākāwē txuxashū na; shuishū na huashū, mai kētxaki tubāshū, pi paunibukiaki. Haskaweibu ha nukunabu Huni kuī, hawē kena kumā txā ikatū pusakinā; hawē bikerāki apaunikiaki. Habia shaba keyu kumā tupikinā, unu yekewā pauni kiaki hawē mebikirā. Txana inū, kumā isku xarabutū risiwatā, habianushū batxi paketā, tuxatā, hawē bake yumewai hiwe misbuki. Haska inū, hawē mebi kasmai habia putxinī, shātu anu kāi inū, shawā, na bawā, bakewa misbuki, ha shākī merānā ixtxikā hiwei, na nawa kaxiwā xarabu hiwemiski, na nishu yuxibu hamerā hiwemis kiaki hawē shākī merānā. Na habia hati hirā nukū huītiki, nū habiawē hiweabuki, habia hiwewakī, na shashuwakī, na habia karuwashū, hawē bawashū pikī na habia nukū rau keyuki nū hawē shusha misbuki. Isī teneirā enabu haska menima ipaunibukē, na eskatiā ea ni ibu raya kirāki, ē tanairā hi xarabu inū, shebū txapu xaraburā, hawē nawā mibā; bua itsa xarabu banashū hawē tamas puwatā mī naximarā, ha bua itsa xaruburā hawē pei xaraburā, hawē rua kiranai pitiki. Nīkakī, uīkī, anākāwē, enabū na ni miyui tese, yukinā habia ika meste xarabu txaniaibu e nīka kubirāxina inū, na eskatiā ē uīshu inū, uīkī ē tese bixa shukirā. Nirā nū habiawē hiweabu inū, na rasi yuinaka xarabu hawē hiweabuki.

Anapawā “açacu” anarā eskaki: habia hi ewapariki, mushaya shukuyaki, baiwashū rerakinā uīra kayashū atiki. Hawē shuku besa ikamarā peki, mī besa ikarā mia beru txeshāwākī, unu mī beru tuxmuwai, unu mī yura shashai, yura su ikirā, rauki anarā, ha karuwashū, hawē bawashū pitimaki, txishu, txishu imiski. Haskai habiawē nukunabu ruewē tatsā ashū kētxaki, kesūshū pashku namaki hukashū, baka rebu bainai bishū pikubirā xinabuki. Hawē bakawatānā, paeki ha yuinakapā pikinā: kāi inū, ru bestitū amiski pikinā, rū pikinā hawē pei shātxuku bena amiski pikinā. Haska inū, nakash shē rashpis maki pae kenā, na eskatiā ha ni ibu raya kirāki, uī birāki ha nukū raya kiri kiaki, ana haskawa tima, mī haskawarā mī hene rauwāi, na baka rāukī, na hene rāukī, amiski hawē bakawashū mī piarā. Mī upash

akarã, txishu, txishu imiski anarã, hawẽ bakawa tima inũ, hawẽ bawashũ pitima inũ, kua timaki, hawẽ kuĩnã shete timaki, rauki anarã.

Cumaru ferro

O cumaru ferro é um outro tipo de árvore grande e muito dura. Dentro de seu tronco tem grandes ocos. Ele produz a fruta quando está começando o verão. O povo Huni Kuĩ gosta de se alimentar com sua castanha. Quando o povo vai colher suas castanhas, se as crianças colocarem a castanha no fogo para assar, dá muito frio à noite. Quando você colhe a castanha do cumaru, se as pessoas fizerem barulho conversando, as frutas se escondem. De primeiro, tinha um homem chamado Kumã Txai Kanawa. Ele sempre pegava todas as frutas do cumaru antes de todo o mundo. As pessoas chegavam e não achavam nenhuma. Quando Kumã Txã Kanawa pegava as sementes, quebrava as castanhas na própria perna, escondido, para ninguém ver. Só ele fazia isso. O japó e o japinim gostam de morar no galho do cumaru. As araras criam seus filhotes no oco dele. E o sapo mora no oco dele também. O grilo grande, que também é espírito, grita lá dentro do oco. Ninguém pode imitá-lo. Também mora dentro dele o *shama nishu*. Quando ele grita, se passar o vento, os galhos todos balançam. Se a gente anda sozinho perto do cumaru, pode se encantar. O nosso povo fazia tipoia com o galho dele. Se a criança chorava, colocava ela na tipóia do galho de cumaru e não soltava até o pajé chegar. Hoje, o cumaru serve para construir casa, barco e faz também lenha. A gente faz carvão e ele serve para tudo. Estas histórias são do meu avô paterno. Eu ouvi meu avô contando.



HANUA SAMAKEI NIA HANUSHU
MIMAWAKI TXIKAMAWA beuki
IAKANIKIKI



KUMANEWA
Cumaro ferro



SHAY XARABU HASKAWATI
OPau de Vassarimba Tema
Historia.



3. Shai xarabu haskawati

Shai xarabu haskawati: ē kuru shai, pesi shai, kana shai, shasha shai, tama shaiki, hatiki shai kena xaraburā. Ha shairā eskawa xarabutiki: kuru shairā hiwe wakinā, ha bitimaki mī ha bishū hiwewarā, tsua hawē hiweama, hiwe besti kurua tsaumis kiaki. Ha pesi shairā haska atiki, txaipabu nūku xarabu shukati peki, ha kana shairā hawē yura inū, hawē nixirā paxī nī-paki inīnā. Hanua ha shasha shaiki, shasha shairā ha hiwewakī bitimaki, mī ha hiwewarā samama shashai unū, kuru putui samama shasha kirani, sēke miski, ha atimaki. Ha tama shaiki, tama shairā hawē hirā txuri txuripaki, haskai hawē bimirā; unu meshkā meshkāpa imiski, hakaya ha shai bimi betxitānā, tsekātā sheme, sheme akī mebixkiri iki itikiaki. Mī haskamisrā unu hanu mī tama meshai anurā, habia yuiti kiaki, ha tama tatsutā mī yui kiaki: shai bimi, shai bimi, ishū mī mesharā ha tamarā, meshkā meshkāpa imis kiaki. Hanua ha shai pei sasapaki, shai pei sasaparā hawē pei yabi ha mī tamu bishū, hayabi ketxaki ūpashki maeshū, habia yurabu yume kas-mai, habia ewa piti pia hanā katis imakī, na yume imana pixi bextxa, hawē hātsiti kiaki. Hirā habia rau keyuki, yui tese kaya ē ashukirā. Hatū bixashu shane txana ni ibuā ashuki. Haux, haux.

Vários tipos de pau de vassourinha

Existem várias espécies e várias utilidades do pau de vassourinha. Tem a vassourinha cinzenta, a vassourinha da folha fina, vassourinha de relâmpago, tem a vassourinha fofa, tem a vassourinha amendoim.

Quando você quer construir a casa, ninguém pode tirar a vassourinha cinzenta e colocar dentro da casa. Se você coloca este pau para montar a casa, ninguém mora dentro dela. Ela fica sozinha, vai estragando até cair. Ela pode ser usada para fazer lenha, ponte.

A vassourinha da folha fina é boa para construir casa. Só tiramos dela. É madeira roliça, boa e cumprida. Serve para tudo. As mais finas tiramos para varejar o barco. É o nosso motor tradicional, o varejão. As folhas dela são medicina. Colocamos de molho na água junto com as outras folhas

maĩ tamu shai (bochecha do peixe cará), e a mistura é boa para as crianças magras e aquelas que quando comem querem vomitar.

A vassourinha de relâmpago parece com as outras. Mas o corpo dela é amarelo e muito duro. A casca e a folha têm cheiro bem forte. Se a pessoa amassa a folha e espirra, chega à saúde.

A vassourinha fofa também não pode ser usada para a construção de casas. Com poucos meses a estrutura da casa cai, porque os bichos comem toda a madeira.

Nós tiramos a vassourinha com a lua escura. Se tiramos com a lua errada, os bichos comem e estragam a madeira.

A vassourinha amendoim produz a fruta no mês de abril e maio. Cada cacho dela fica como uma flor, tudo juntinho. Quando encontramos suas frutas, podemos tirar e quebrar na mão. Quando fazemos isso, na hora de colher o amendoim, na hora de arrancar, dizemos: - “Fruta de vassourinha, sai aqui na minha mão”. Aí vai sair bastante semente boa e gostosa. O pau dela é muito duro e serve para todas as coisas: faz estacas, varas, lenha e casas.

*Kupixawa TI Kaxinawa do Rio Jordão.
Foto Arquivo CPI-Acre*



4. Shubī māwā

Shubī māwā “ofê grande” ha shubī māne yui tesorā, eskaki shubī nirā; ma baiwa nibu nawe ewa nu imiski, manā kayā matxi putxinī, kaya kesha na pashku kesha maxipe napāpa nu ibainaki, shubī mapuirā. Haskai hawē bimirā, nū pikī inū sheaismaki, habuā pikinā yuinaka xarabu bestibū amisbuki txererā, pitsurā, teskerā, na txikeyurā, unu bumaushu pesha, pesha akī unu uraraki akī amisbuki. Haskaya ha namāshū pikinā; txashū amiski, hawē kenarā txashu benerā: isa bari isaka kiaki, ha yushānā same kiaki. Haska inū, kaxī amiski shubī pikinā, bitāshū hiki maikiri besua runushū, unu hanus buspu mātxī miski. Haska inū, kaxi pikī hiwetā hemāitī pakebaina betxitānā, ruawakī penu txuxi itxapama bishū, kuashū payakī; pais, pais akī txashu payanū, ishū mī ha shubī aruarā, mī txashu atiru kiaki.

História da árvore ofê grande

O ofê grande gosta de terra firme e baixa, na beira do igarapé ou do rio. Onde cresce o terreno é plano, arenoso e limpo. Ela fica nas antigas capoeiras. Quando produz a fruta, é no mês de março e abril. As frutas dela, nós, Huni Kuī, não comemos. Só os animais se alimentam das suas frutas: os periquitos, as curicas, os papagaios. Eles comem lá de cima. As curicas só partem no meio e jogam no chão, mas não comem. Quando caem muitas frutas no chão, quem come é o veado. Os morcegos também gostam de se alimentar das suas frutas. Quando o morcego pega suas frutas, fica pendurado no galho do pau e gosta de comer lá mesmo. Ficam muitos morcegos amontoados em um só canto dela. Quando o morcego traz a semente de Ofi e deixa no nosso terreiro, nós achamos, pegamos, colocamos perto de uma folha de palmeira, e usamos para adivinhar a caça: veado, porco, anta. Depois disso, a gente pega a semente e guarda em cima do fogão, na cozinha, e não pode contar para ninguém. Com alguns dias, chega à caça. A madeira da Ofê é uma medicina muito forte. Ninguém usa. Não faz lenha. Se cozinhamos com a lenha da Ofê, podemos ter diarreia. Não se pode cheirar a fumaça dela, quando ela queima no roçado.

Shubî MIAWÂ. IÇAGU Grande



SAME



ISABARI. ISAKA



Nawabū hariri kena xarabumisbu

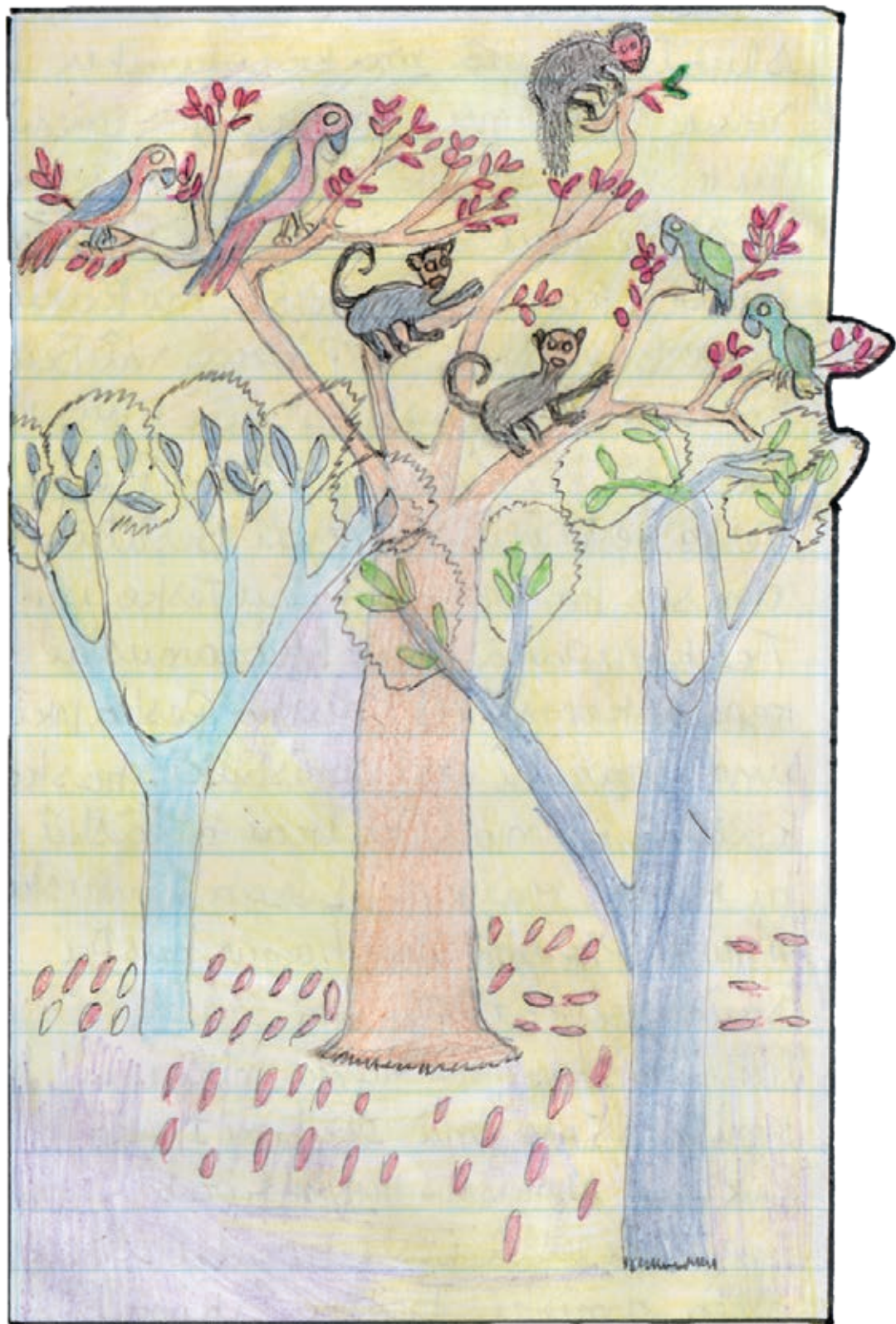
Ni yukā xarabutu miyui tesorā eskaki: yukānā habia tsamī hayaki: bana yukā inū, manā yukā inū, na yukā bene hayaki. Yukā nā habia napāpa inū, manā kāyā imiski nirā, habia na ni keyu hatu binu keyuaki, haskai hawē miyui tese xarabu hanu ewapamatu nishū, uīki nīkakī, ha ē hutxi mestebu ē shuta mestebu. Hawē kena kuī; Shane txanāwā, hawē nawā kena Deumiro rodrigues Paiva Kaxinawa betā hanu ē ewapama 10 bariā, hayatū habetā bī shaubī bixai, manai nishū txaniai nīkakī. Hanu ha ushe tibi xarabu, habu ha ni xarabu huayai, na bimiyai, na hanu bimi huxitā niri imis, na habu bariā inū, uiyātiā bimiyaya na bariā tae kiranaya habu huayaiki inū. Habu bimiaiki baiwati inū, na habu huayaiki tamawati, habia ha epabu hatu yuai nīkakī. Ewapauni na eskatiā habia ea ni ibu raya kirākī ē txai hawē kena kuī: Txaxiti hawē nawā kena “José Caxambu do Nascimento Kaxinawa” inu bake ma bariā 58 anos hayaki. Hanua ha ē raitxu kena: Rua busē, hawē nawā kena “Francisco de Assis Buretama Kaxinawa” ma habia 60 bariā hayaki. Hatu betā nishū uīkī, nīkakī, ē akubirā xinarā eska kiaki: yukā huayairā, habia ushe “Abril” inū, ushe “Maio” imiski. Ha huayai tiā unu taxirakai keyu kē, habiaki yuinaka xarabu sheni miski: kāinā, bawarā, isurā, keburā, na yaixrā, hatibu imiski yukā hua sa ikaitiā, sheni txakayamairā. Haska inū, habiaki sepakī tae watikiaki ni kuī baiwakinā. Haska inū, hanu ha hene karabeke-ni tiāna, habia ni keyu atxikī hawē rukāwā inai, unu habia mamash watā tsauwakē, habiaskabiakē unu hupukū akī, na meshpukū akī, unu nutxa aka rukāwā ana hani nunukāi betsaki mae tima; bis, bis ikaya ha hene netsui taekāi nikiaki. Haska besti bestibu kaya yuiaibu ē nīka kubirā xina ē unaki bixashukirā. Ni ibu shane txanā ashuki, shaba sinukutā haira ushe hanu ru keumis shaba ushe putxinī bariā 2022 na maewā hene hushupa nushū ē ashuki. Haux, haux.



História da goiaba macho

Tem três tipos de goiaba. Dois tipos de goiaba são nativos, tem a goiaba-macho que só produz flores e a goiaba-fêmea que faz também o fruto. E tem um tipo que é plantada. A goiaba-macho só produz as flores dentro da floresta. A goiaba-macho produz flores nos meses de março, abril e maio. Mas principalmente em maio. É o início do verão, quando começa a chegar a friagem. Nossos antepassados não tinham o calendário. Quando a goiaba-macho soltava as flores, eles sabiam que era tempo de brocar, de começar o roçado. Quando estava florando a goiaba, eles sabiam que os animais engordam, como o macaco, o jacu, o papagaio, a arara, o tatu, o quati. Todos engordam nesse tempo das flores da goiaba-macho. A árvore da goiaba-macho fica mais alta do que todas as árvores da floresta. É fina, mas fica mais alta. Antigamente, ouvi uma história que meu sogro contou. Houve uma grande água que cobriu toda a floresta. Todos os animais morreram. Mas tinha um macaco paracu. Quando a água estava cobrindo a floresta, ele foi subindo nos galhos até encontrar a árvore da goiaba-macho que salvou a vida dele. Ele ficou lá no último galho. A enchente cobriu tudo. Foi molhando os pés, as mãos, o cabelo. Ele começou a gritar, pensando que não tinha como saltar e pegar um galho mais alto. Logo começou a água vazar. Quem salvou o paracu foi a árvore de goiaba-macho. As outras todas morreram. Por isso nós não gostamos de matar o macaco paracu, porque foi ele que viu a mudança do mundo, que se transformou em outro mundo. As crianças pequenas não comem este macaco. Para nós ele é pajé. Ouvi esta história de meu pai, Osmar Rodrigues Paiva Kaxinawa, Txana Kuru.





6. Shunu bui mīyui

Bui shunu huatiā mīyui tese, bui huayairā habia bariā tae kirā naya, ushe “Abril” inū, ushe “Maio” imiski. Ha hua taxi rakatanaya, haki hene maxi tamawati kiaki, ha bui hua niri iriamakenā, mī haskawarā tamarā beru kani unu, beru mākā benebu miskiaki. Ha bui hua niri iriamakē mī tama banarā, ha tama bana menetanā, naxikī shātxu bishū meske, meske atikiaki, mī haswarā beru txumia-ma beru kani meshkā txakayama miskiaki. Ha tamā shātxu pirā, habianu shātxu sheni riamiski, bui huatiānā, habiakiri mǎnā tamawatiki, mǎnā tama banatanā: kunu atikiaki pikinā, kunu patxirā, txurānā, habu ashu kawashū, beāshū bawashū atsa huakī nāwātiwe inū, tamā axiā būkax pe naikī unu hespe, hespe atikiaki. Mī haskawarā tamarā, beruā xarabu miskiaki, hamē haskama ha bui hua niri ikaya mī hene tama kasmai, mī mǎnā tamawarā, unu beru txumi xarabu miski, bestibu runu, runu pairā, narā habia ē rais mestebu hawē kena: Meka inu bake, hawē nawā kena “José Pedro Caxambu Kaxinawa” habia rayai txaniai nīkaki ē akubirāxina. Ē itxapamakaya bixashuki, bui huayai tiānā hene tamawakī, mǎnā tama wakī, na baiwakatsi sepa taewakī atikiaki. Ha nuku nabu na eskatiā, nawā “calendário” keskarā habu ipauni kiaki, na ni xarabu huayai bimiaya na isa xarabu keuwai nikatā inū, uitā akubirā xinabuki bai wakī mibākinā.

História da floração da Samaúma

A samaúma grande faz frutas, mas a samaúma-cera solta só flor. Ela flora no início do verão. Começa no início de abril e maio. Vamos observando e quando elas dão flores, que está bem bonito, já vamos começar a limpar a praia. Este é o tempo do verão, chega o tempo de plantar mudubim na praia e começamos a brocar pra fazer o roçado. No tempo da floração da samaúma-cera não chove mais, o rio fica limpo e é o tempo que dá o dia bom. Quando plantamos o mudubim na praia, no tempo da floração da samaúma-cera, o mudubim fica animado para se alimentar com aquela flor. As sementes dele ficam fortes, duras, grossas. Na floração da samaúma-cera, engordam os caranguejos. Depois de fazer o plantio do mudubim, nós banhamos e pegamos caranguejo e comemos com nossa macaxeira. Se planta e não pega caranguejo para comer, a semente do mudubim fica pouca e não presta. Fica toda encolhidinha. Foi o Pedro Caxambu Kaxinawa quem contou esta história para meu sogro, José Pedro Caxambu. Este sempre foi o calendário do povo Huni Kuī.

BUI. SHUNU

Samauma de
Sera.

BUI HUA TIANGAYARIA
HAKI HAKI HENE
TIAMAWA TIKI

Tui
GenPapim



TAURÂ RABE HAYAKI
BAKA. TAU INŪ AWĀ TAU
KI, HARABESMA. NUKU.
MERABEWAMISKI.

O Pacuibão Tem 2 TFBs.
Pacuibão de Peixi e da outa
e Sever muito Para nós.



7. Taū miyui

Tāu miyuirā itxapamaki, tau hati nuku merabewa misrā eskaki: taurā rabe hayaki, awa tau inū, baka tauki, haskai hati nuku merabewa miski. Taurā hiwewashū reratā sēke, sēke ashū peshatā natsakī hawē napu bikī keyutā, nukū hiwe nū tapawa miski. Habiari hiwe kuma hiwewashutā nū, rakeshū uīmiski haska inū, hawē reburā peshashū, hawē shāku tapuānua bureshū pitiki. Haska inū, taurā hawē shabā tetsekekāwā tī ikayarā: yaix bake pashkamisbu kiaki, kuyā ikirā tī ikayarā. Haska inū, hawē pustrā bai washu mī sheki waxina pe tanaya, haki katxa nawa watikiaki, unu ha shanē betsanu hiweabu hatuyuishū, ha ushe shabaki ikatsi hatu tanamatā, atikiaki tau pustu sēkekinā. Ha tau sēkekinā, mī txai ashuti kiaki, reweya hawē kena txana mimawa meni ashuti kiaki. Mī haskawarā ha mī txai mī yui tāxiā hawē nabube hui sai, sai iki yaix hina; txā, txā ikubiranaibū, neri há hiwe ibu buā hatu bitikiaki. Ha hatu bikinā, huninā mī txai bibāiti kiaki, ha aibuānā hawē tsabe bitī kiaki, ha hatube biakānātā, ixtxu kāikī ha tau sēke raka rawa bāukī unuri abāitiki:

Hii!!!

he he, he hee!!

Ho, ho, ho, ho, ho, ho, ho, ho

Ea txāi bitana! Ea txāi bitana!

Bitana huibi!, Bitana huibi!

Baka maikirishū!, Ea txāi bitana!

Bitana huibi!, Bitana huibi!

Hawē uma akatsi!

Sheki uma akatsi! Sheki uma akatsi!

Habetābi akatsi!, Habetābi akatsi!

Ho ho, ho ho! Ho ho, ho ho!!

He, he, he, he!!!!

Haskakī ha taurā, eskatiānā rera keyuama bai nemakirā, hene bainaki hawē heshe bisshū bana bainaki eskatiānā enabū.

História do paxiubão

Vou contar um pouco da história do paxiubão. Ele tem muitas atividades que nos ajudam. Tem dois nomes e dois tipos de paxiubão: paxiubão de anta e paxiubão de peixe. O paxiubão de anta é grande e muito grosso. É lindo. O paxiubão de peixe é médio. Ele serve para quando a gente faz construção da casa e o assoalho para morar. Serve também para a cobertura da casa de galinheiro. Serve para fechar o galinheiro e não deixar os bichos entrarem. Quando ele é derrubado, o olho do paxiubão serve de comida. A gente tempera e mistura com peixe. É um palmito. Se chama bure. Nós torraramos o bucho dele, retiramos o miolo para fazer um grande recipiente para o mariri. É usado na festa do mariri. Quem vem para a festa já vem buzinando e os que fazem a festa já se preparam para pegar os convidados. A mulher pega a cunhada e o homem pega o homem. Eles já vêm pulando e fazem a roda em volta do bucho da paxiúba. Cantam dizendo que vieram para tomar o mingau de caiçuma, de milho, de macaxeira, de batata. Eles cantam rodando em volta do bucho do paxiubão e dizendo o nome dos alimentos.

Meu cunhado me pegou

Estou vendo: meu cunhado me pegou

Foi me pegar e estou chegando

Para tomar caiçuma de milho

Para tomar com ele

Para nós dois tomarmos juntos

É assim. Agora, com o manejo, a gente broca e não pode mais derrubar o paxiubão. Trazemos as sementes e plantamos o paxiubão perto do meu povo, no roçado, fazendo o manejo. Assim, perto das casas, as crianças também conhecem o paxiubão.

8. Manipei xarabu miyui

Manipeirã harabesma hayaki, ha nukunabuã hati xarabu haki bawashũ pikubirã naburã, eskaki manipeirã: putuminã haki, hawaira kawashũ pitimakiaki, mĩ haki piarã, unu ewanatxakai mĩ pustu shenitiru kiaki. Mía kupiarã haki pikinã bĩti mani peiki atikiaki, mani pei kuĩ kiaki, haki besti atikiaki kawashũ pikinã. Xinu pukurã, ru pukurã, isu pukurã, yaix pukurã, kape pukurã, shawe batxi inũ, hawe pukurã, txashu pukurã, yawa pukurã, awa pukurã, bakarã, nutxurã, mapirã, kunurã, heurã, tuarã, txashushrã, atsa pasha nisashũ tama yabi releshũ, kawashũ beãshũ, nuku nabũ pikũ biranabu inũ, na eskatiã habiaki bestibu kaya bakawashũ besti kawatã nũ pikanai. Yuraburã haskairã hanu nawabuã nuku betxiriama ipaunibuki, mai kêtiki huashũ pikinã, mani peiki besti kawashũ pikinã, hanua manipei betsa, tsau manirã eskaki: hawẽ shãku shãtsetã mĩ nakarã unu mĩ sheta nãke pixtai. Ha nakatanã samariatiki, ha samairã habia tsami kasmai, sĩti shabati nami piama, batapa xarabu piama itikiaki. Mĩ haskarã unu mĩ sheta takuxi pei kiaki, yane mĩ sheta txakabua marã, habia nixpu keskariki tsau manirã, haskakĩ hanua ha mani pei keneyarã; unu shanẽ betsa bai kai hawẽ betekere ikũ kaĩti kiaki. Mĩ haska kũkainarã, aĩbu txipax xarabuã mia beisnũ ika bemisbu kiaki. Haskai mani pei betsarã, hawẽ kenarã kushu hina mani pei kiaki, ha kushu hina manipei wenã: aĩbu bake ewapama haya, ha kushu hina manipei bishũ, kêtxaki upash manetã; hawẽ mamus, mamus ati kiaki. Mĩ haskawarã aĩbu hawẽ bu txairã, unu hawẽruamis kiaki.

Histórias da sororoca

Tem vários tipos da sororoca. No tempo antigo, meu povo usava vários tipos de sororoca na alimentação. Tem a sororoca da folha grande, chamada na nossa língua de *putumĩ*, que nós não usávamos. Se usa como alimento, mais adiante você fica com a barriga grande, com um buchuzão.

Tem a sororoca *bĩti mani pei* que usamos até hoje na alimentação. É própria para cozinhar a carne. Meu povo sempre usou e hoje ainda usamos.

Ela serve para enrolar o peixe, a tripa de tatu, a tripa de macaco, a tripa de jacaré, o aruá e o nambu. Prepara o cauá (um embrulho), moqueia. Antigamente não tinha panelas, apenas as panelas de cerâmica. A sororoca servia como uma frigideira. A comida fica muito saborosa. Antes os Huni Kuĩ pegavam o nambu, matavam e cozinhavam dentro. A gente também cozinha o *kunu patxi* (orelha de pau) junto com a sororoca.

A outra Sororoca, *mani pei keneya*, tem uma folha pintadinha, o arbusto é baixinho. Ela serve para quando você vai passear, você passa na testa. Assim, quando o jovem vai visitar os parentes, é muito bem recebido. As pessoas ficam em volta, achando bonito e ficam alegres.

A Sororoca de pena de kujubim, *kushu hina mani pei*, é uma pesquisa nova que estou registrando. Foi com meu amigo, meu compadre Siã (Josenildo Sales Kaxinawa). Ele se casou antes de mim, mora perto da minha aldeia e trabalha como pajé. Sempre conversamos muito sobre medicina. Ele me explicou que esta Sororoca serve para alguma menina pequena ou mulher. A gente tira esta folha e coloca na água e depois molha a cabeça dela para o cabelo crescer comprido e bonito.

A Sororoca sentada banana, *tsau mani*, é usada apenas em certas ocasiões. O olho dela solta uma tinta nos dentes, fica bem pintado. A pessoa só pode usar depois que fizer o batismo do *nixpu pima*. Se usar antes, tem que fazer dieta. Passa a dieta de 3 a 5 dias. Não come carne, nem banana madura, não come sal e nem bebe água.



Menina com os dentes pintados para o *nixpu pima*.
Foto: Daniela Marchese

KUSHUHINA.
MIANI PEI



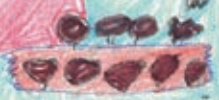
MIANI PEI
KENEYIA.



TSAUMANI



BITI MANI PEI



KUNU PATXI

KAPE.



PUTUMI



NUTXU.





9. Banĩ inũ, nenã miyui

Banĩ inũ, nenã miyui nukunabũ haskawa kubirã xinaburã, eskaki banirã: na eskatianã habia tsamĩ hayaki. Bana banĩ inũ, nimerã nua hayaki banĩ, nena rirã habia nukunabũ, habia piawashũ habiawẽ yuinaka hawẽ ashũ pikũ birãnabu kiaki Txara watanã, baninã eskawa xarabutiki: kanunã, binurã, haxirã, paspirã, hunĩ maburã hatiki. Hanua aĩbuã maburã: txĩtiki, yayutiki, I txiush baketiki, yayutiki, baninã haska xarabu nuku merabewa miski. Haska inũ, habia narasi yuinakapã pimisbuki: bawarã, kãinã, marirã, anurã, na habia rasibis xarabutũ pimisbuki. Haskatã ha nena habiaskariki, habia kanuwakĩ, na txarawakĩ ariatiki. Hãwe heshe piriatici, ha pirã betsatiki; yauxi timakiaki, mĩ betsaki yauxiarã mia kupimis kiaki. Habia hamẽ xinames mĩ tetxuri rakamis kiaki haska inũ, nenarã kãinẽ piriamiciki. Haska bestiki, banimã yui tese kayarã. Aafi shane txana rio jordão muito haux.

História das duas pupunhas

Antigamente meu povo usava a pupunha. Antes conheciam só dois tipos de pupunhas nativas: a grande e a pequena. Agora conhecemos uma outra pupunha que pode ser plantada. Nossos parentes faziam flecha. Eram seus primeiros materiais, que nem a espingarda. Derrubavam, partiam e faziam flecha. Com o *banĩ* grande faziam flecha, arco, lança e borduna. Servem para fazer materiais para homens usarem. Serve também para construir o tear para as mulheres tecerem seus trabalhos. A semente da pupunha grande é alimento da cotia, da arara, do papagaio. O olho da pupunha é nosso alimento, é um palmito gostoso. Antigamente era tirado o óleo das sementes para os cabelos. Ficava bem bonito.

A pupunha pequena dura muitos anos. Produz muitas frutas. Ela serve para todos os materiais que os homens utilizam, mas para as crianças aprenderem. A arara, a cotia e o porco também comem seus frutos. A fruta da pupunha é muito gostosa e cheia de óleo. Quando colhemos para comer, não podemos sovinar. Se a criança está comendo e o amigo pede e ele sovina, mais adiante vai adoecer e sair caroços no pescoço do tamanho das sementes da pupunha. E vai doer. Os pajés adivinham isso para curar, tirar medicina da mata, molhar e passar no caroço. É muito perigoso comer a pupunha pequena. Na hora de derrubar para colher, você tem que dizer o nome dos ossos da juriti. Se não disser, e derrubar sem dizer nada, não consegue quebrar as sementes. Elas ficam duras. Se você, ainda pequeno, comeu muita semente de pupunha-zinha, antes de chegar à idade completa, vai ter seus dentes adoecidos e quebrados. Nós respeitamos muito a pupunha pequena. Ela também serve para fazer artesanato.



10. Kākā miyui

Txanā kākā miyui tesorā eska kiaki: txanā kākārā, habia mánā kāyā inū, na napāpanu imiski, shuku ikirā habia bana kākā keskaribia, hawē yurarā ma betsaki; musha txakamaki hawē peirā. Haskai shea riatiki, sheakinā pasha sheama, teshteshū huatā atiki. Haskawama mī pasha sheatā mī ūpash akarā, mī hana txekemis kiaki, keshu txakayaki kākā shearā. Haska inū, hanu shumani hiwemis kiaki, kākā shuku ikai yanurā, unu ni tashaba peki, hanu kākā mapuanurā. Ha eska betxikinā, nukunabu shenipabū ani kiaki. Eska betxi kinā: eskawani kiaki, ha huni aīyā bakeka, hawē nabuya hiwea, ha hawenabuā mitukī piaya, kashū txashu akī, yawa akī, na isu akī, na habia yuinaka xarabu ashū hatū rais inū, hatū aībetā pi, hiweabū. Haskaya ha huni piaya karā, hawa aisma hawe nabu haki kashemisbu, hawē miturā pashku namaki butushū, nutxu bikī, shaka kinianu irukainai pukībāi atxishū, kawabirā hawē aī beshūwā, habiabi beāshū hāwē bakebu pimaya, haki kashe-misbu. Rayai hiwe pairakē, hawenabuā yuikī: hamaki nū hayashū rayawai benūbū, unu namerā mitunū bukāwē ishū. Hatu yuba, haskaya ha huni yupa txakama hatube kapairaya, hawē aīnē akī: uīra katāwē mī hawa reteama kayakē, miki beparame misbukirā! Aka. Ia! Ika hatube kai unu nukushū peātā, barikaya hamaki nū ha pitā usha nūbū kuma ushākāwē! Ika. Buake buakeaibu, haskaya ha huni yupa txakama meribi unuri ē uī kubainai. Ika kakī unu napāpanu shebū niri ikai marī pikī, unu hushu ratākī, buspu tsāū kakea betxishū ayamakiaki shubuakinā. Ha shubu menetā hikishū manarā, hawa huamakē bari kaya tashni kirāni nukuarā, ha hawenabūā ma kuna akī, xinu akī, shawe bettxikī ashū, ma bawa kakeibū nukushū hatubetā pitā usha xini hanua mapenai shaba kakeaya ē shebū pana birāxiāki ē naisi ikai, ika kani kiaki. Ha kai hāwē shubuanu hikiarā, ma shumani hikia nia uītu-xiama kiaki; haskaya ha Huni kuīnē akī: mī haratu hikiamē? Tashniwe ea ē hikiayrā!. Ha shumani iki:

- Tashniwe ikāwāma iruriwe, ma mari hua kemakirā! Aka.

- A! ikaraki habe irunikiaki. Ha irushū tukuri uīwē eā anā ē ukuri uīyāinā aka. Ha shumani uku hamauri uī nishū ayamakiak: marirā, ha mari ashū kuma akī, yawa hunu huai akī, ashūtā tashnitā ayamakiaki ha shumani yukakīnā:

- Mĩ harakiri kenamē? Aka, Ha hunikūi iki:

- Ê kākā tashu baneki! Miakaĩ aka:

- Earã ã kākā baneki! Aka. Haskakenã nũ uamaki, haratu nũ iuwa mē kãĩ, nukũ reshni meshanãwē atã. Mesha burã ha Huni kuĩ iama kiaki; reshni tatisrã, haskaya ha shumanĩ akĩ:

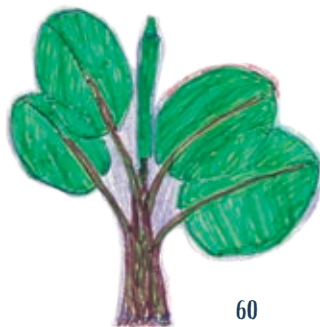
- Haska kenã mĩ miaki iwarã, ea ruã ashãwē habia mĩ mitunũ ika nibia, mĩ hawa akakē minabu miki kasheibũ nĩkakĩ ã mia uĩ mis ã miki nukushuki, na hati yuinaka ã mia ashũ shurã, ha mĩ piawē ha ã tsaka shuanu mĩ txara seu pakewe. Atã ma ã kairã, na habia mãnã tenãmã ã hiweakirã, ishũ be-txi maimashũ, habia ha Huni kuĩ piaya kaitibi, haki nukushũ unu piaya iuketãshũ, txashu ashũkĩ, awa akĩ ashũkĩ, habia yuinaka rasi xarabu ashũkĩ, nimakĩ anikiaki. Txanã kākã shuku ikai yanu hiwea uĩ makinã, haskakiaki. Shumanirã txãpa pixta natiu yura kiaki, habia tiatũ awa atanã hirabi pute-ma beai uĩ pauni kiaki. Haska bestiki, txãnã kãkãnē miyui tesorã, na miuyrã hanu ã ewapamakē, habia ã epa hãwē kena txana kuru txaniai ã nĩkaniki. Shane txana Huni kuĩ Aafi rio Jordão, sirĩ, sirĩ, sirĩ haux, haux.

História do ananás nativo

Vou contar um pouco da história do ananás nativo. Ele se parece com o ananás plantado. Gosta de terra firme, baixa, da beira do igarapé. Dá em muita quantidade. A folha é cheia de espinho. A gente come também. Mas para comer, colhemos e cozinhamos. Comemos depois de cozinhar. Se tu comer sem cozinhar, fica ardendo sua língua e aí não pode beber água. Se beber, pode fazer mal à sua língua. O lugar onde ele fica, a mata fica todo limpa, que nem o terreiro. Quem achou esta história do ananás, foi o nosso povo antigo. O nome dele era bane, era um homem Huni Kuĩ. Ele vivia morando com o povo dele: tinha mulher, tinha filhos, mas era muito panema. Não encontrava nada quando ia caçar. A comunidade que andava com ele matava todo bicho – anta, macaco, nambu, tatu – e comia com suas famílias. E ele não conseguia nada. Com muita luta conseguia pegar aruá, peixinhos, siri e levava para sustentar a família. Quando ele estava fazendo isso, a comunidade toda mangava dele. Porque via ele chegando com pouca

coisa, e os outros comendo bem. A mulher dele via o povo mangando dele e ficava com vergonha. Um dia, o pessoal pensou em ir caçar mais longe, na floresta, dormindo, passando semanas. Queriam pegar bichos, moquear e trazer uma grande quantidade. Resolveram e a comunidade o convidou: “Rapaz, vamos caçar de dormida para pegar muitas coisas e trazer aqui pra gente trabalhar e ficar se alimentando”. Prepararam e se foram. Ele avisou a mulher que iria com a comunidade: “Minha mulher, eu vou para ver se acho pelo menos alguma coisa”. A mulher avisou: “Toma cuidado, tem muito tempo que a gente está aqui e o povo fica mangando de você”. Ele foi, chegou lá onde marcaram o ponto para fazer tapiri. Organizaram, terminaram o tapiri, e o chefe da caça, disse: “Meu povo, já terminamos de arrumar o acampamento, esta tarde. Vamos matar alguma coisa para a gente jantar. Amanhã continuamos a procurar.” Aí todos se espalharam para caçar. O homem resolveu ir também. Andou, andou. Encontrou o coco de ouricuri caído. A cutia estava roendo. Ele viu os sinais e decidiu fazer uma tocaia para esperar a cotia e matar. Fez a tocaia, esperou, mas escureceu e não viu nada. Voltou para o tapiri. Quando chegou lá seus companheiros tinham matado nambu, jabuti, macaco, jacaré. Estavam preparando para a janta. Aí perguntaram se ele não tinha matado nada e convidaram ele para comer. Comeram e dormiram. Quando o dia estava clareando o pessoal saiu para caçar. Ele então falou para o chefe da caçada que iria voltar lá aonde fez a tocaia. Quando ele chegou na tocaia, ele viu o sinal de que tinha alguém lá dentro. Um índio baixinho, parrudo. É o caipora: o Shumani, o pai da caça. Quando ele viu, perguntou: “Rapaz, quem é você”? E o Shumani respondeu: “Eu sou eu”. O Bane então mandou ele sair de lá. Mas o Shumani disse para ele ficar calado: “A caça já está chegando!” Aí o Bane entrou dentro da tocaia, e o Shumani estava lá em pé. Cada um ficou pastorando de um lado. Com pouco tempo, o Shumani pegou a flecha e flechou a cotia. O Bane viu a cotia caindo. Shumani ficou calado. E viram: “Lá vem o nambu, lá vem o mutum, lá vem a cotiara, o porco, o veado!” Tudo isso o Shumani matou. O Bane não via nada do lado que pastorava. Era panema demais. Aí o Shumani chamou o Bane para sair de dentro da tocaia. E perguntou para ele qual era o nome dele. Ele respondeu: “Eu sou o Kakã Tashu Bane”. E perguntou: “E você?” O Shumane respondeu: “Eu sou Kakã Bane.” E disseram: “Então somos primos. Para saber nossa idade, vamos arrancar os pelos do nariz”. Primeiro o Bane tirou e depois o Caipora (Shumani). Viram que o

Bane era o mais velho. Shumani decidiu chamar o homem panema, seu primo, de hutxi, o primo mais velho. Mandou ele juntar as caças todas e disse assim: “Rapaz, eu sempre andava perto de você, e sabia que seus parentes te chamavam de panema. Via que eles te mangavam. Eles comiam bem e você nunca matou. Eu sempre via isso. Agora, eu te encontrei. Aí, você pega a sua flecha e enfia no buraco onde eu flechei o bicho.” O Bane pegou então a flecha e foi enfiando em cada buraco em que ele flechou o bicho. O Shumani disse então: “De agora em diante nós estamos juntos e você não vai parar mais de achar bicho. Você vai sempre achar. E quando for caçar, não vai mais longe não. Você anda pouco, e quando ver o rastro dos bichos, coloque folha em cima e flecha naquele lugar. E aí logo vai flechar o bicho. Mas não conta para ninguém”. O Shumane foi embora. O homem, Bane, voltou com todas as caças que ajuntou, foi chegando perto do tapiri e ouviu os homens comentando que ele nunca achava caça. Quando viram ele chegando com todas aquelas caças, ficaram admirados e ficaram perguntando o que foi que fez, de onde matou tanto bicho, pensando que ele fez dietas. Ficaram animados. Voltaram para a aldeia, trabalharam. Aí o Bane resolveu sair de novo para caçar. E quando saiu, topou de novo o caipora, que sempre caçava com ele, achava as coisas para ele. Foi ali que Shumani conversou com Bane, e mostrou onde mora, na grota do igarapé. O caipora dizia pro Bane onde morava. Um dia ele levou o Bane para sua casa. Ele mora no meio do campo dos ananás nativos. Como tem muito espinho, ninguém entra lá no meio. O Bane chegou lá e pesquisou. Viu a casa dele, as flechas dele. Viu que era baixinho. A caipora tinha matado anta e deu para ele levar. Mas o Bane não tinha como levar. A caipora disse: “Eu levo pra você”. Mesmo pequeno, levou uma anta grande, carregando sozinho. Era baixinho, mas mais forte do que nós. O Shumani carregou sozinho a anta. Foi assim que o Bane se acostumou a andar com o Shumani e viu onde tem o ananás nativo. É lá que mora a caipora.



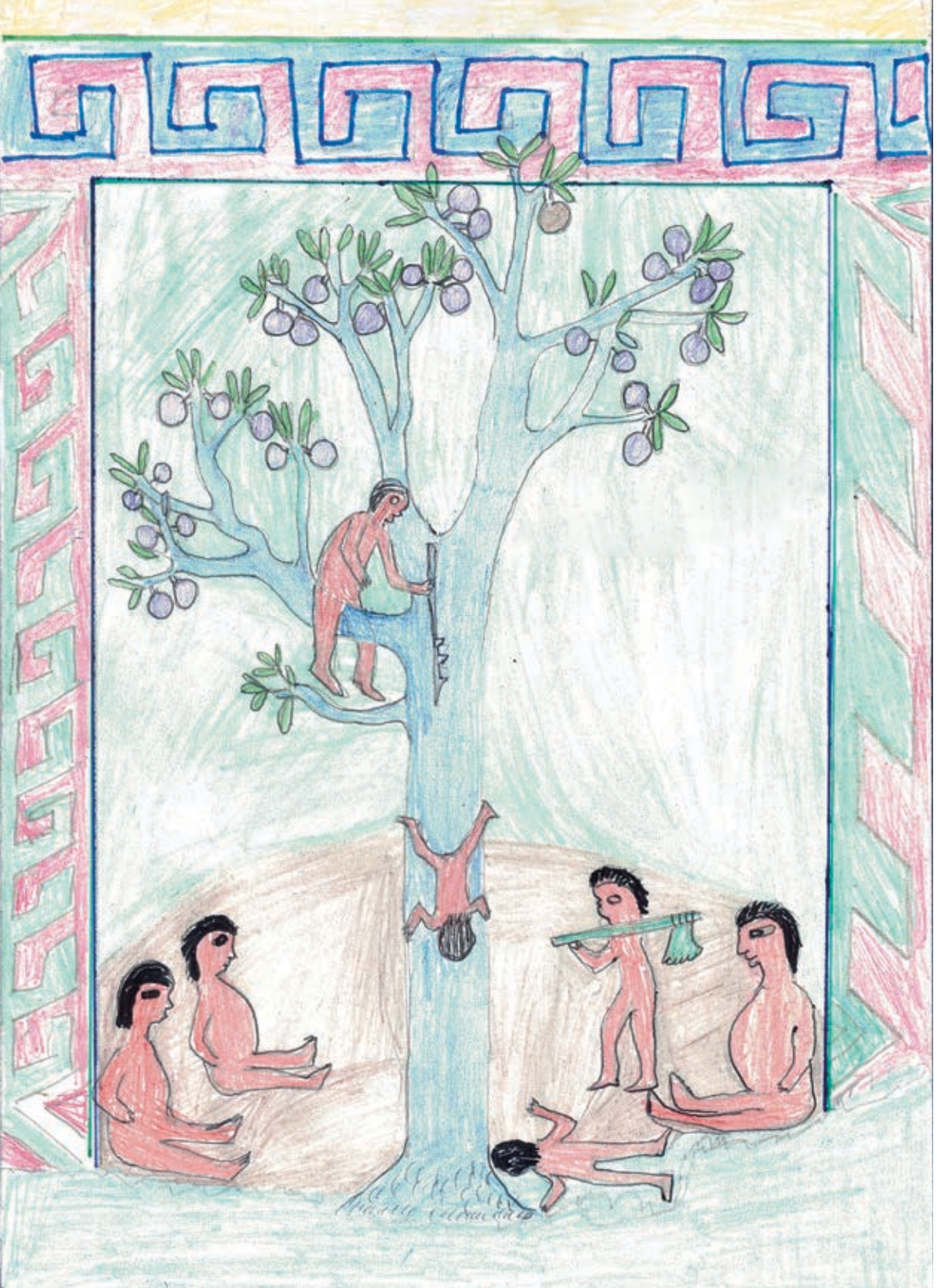
11. A história do coco nativo da floresta

O coco nativo serve para muitas coisas para nós Huni Kuĩ e como o nawa, quando o nawa cortavam a seringa, eles defumavam a borracha com os caroços secos dos cocos, e também o seringueiro trazia o coco novo caído dos pés, e partia o coco, e debulhava os olhos do coco e pisava no pilão, tirava o leite, e cozinhava o leite temperado com carne. Esse é o óleo natural da floresta e faz o carvão para cozinhar os alimentos. E, para nós, Huni Kuĩ, o coco serve de alimento, medicina e artesanato, a gente tira o óleo de coco, pode guardar no vidro e serve para curar a pereba das crianças, do vovô e também a gente passa no cabelo, porque o cabelo cresce rápido e bonito. Os talos das palhas de coco a gente faz flechas e material para a mulher fazer a rede, capanga, tiara, pulseira, chapéu, saia etc., e também a gente faz flecha, para flechar os peixes. Também os animais se alimentam com o coco, a cutia, paca, rato e o nambu.

Kūta nimerã nua

Hatiki kūta miyui tesorã: kūta heshe shana xaraburã hawē bī bawakī inū, na tsistewē bawashū pitiki, niri benarã sēke, sēke atã, tekūtã shashuki renetã haya nami huashū pitiki. Nue perã, ha mĩ pitxã kukatsa iki hawē sheni tuxi tanaya, bixtuki manetã arutiki, hawē bake ixta mapuki matxāya mĩ mapush sharã, samama sakara imiski. Kūtarã besti beru inū, rabe inū, tsami inū, ketash beru imiski, hawē tashurã aibuã hawē risi keneyawakī; hawē timanū kespī washūtiki. Na itxiush haki baketiki, hawē shapu turu atirã, kūtarã rabe hayaki: makã kūta inū, kūta kayaki, beru mesi inū, beru ewapa hayaki.





12. História do jenipapo

A história do jenipapo, eu vou contar uma pequena história do jenipapo que o nosso povo Huni Kuĩ usou no tempo antigo e hoje uns poucos ainda usam. O jenipapo é uma fruta nativa da floresta e tem três tipos de jenipapo. Tem *awa nane*, *tushku tima nane* e *meske tima nane awa nane* é jenipapo da anta, a fruta delas é um pouco grande e não dá preto. E a *tushku tima nane* é o jenipapo que não larga a pintura no corpo da gente. A história do antigo, nosso povo Huni Kuĩ, assim e hoje nós estamos ouvindo e contamos ainda a história do jenipapo. Um dia surgiu uma história assim: tinha uma mulher moça que morava junto com a comunidade dela, mas um dia aconteceu assim, quando essa mulher estava dormindo sozinha, percebeu que quase toda noite um homem vinha namorar, só à noite, escondido. Então, a mulher pensou assim: quem é que está me fazendo isso? Hoje eu vou pegar ele, eu vou preparar o jenipapo para passar na cara dele. Aí a mulher preparou o jenipapo no vaso e dormiu com a mão dela em cima do vaso cheio de jenipapo. E às 2 horas da madrugada chegou o rapaz para transar. Aí quando se deitou na rede dela, a mulher passou a mão dela no rosto dele, que era o irmão dela. O nome dele era Yube Nawa Bushka, então quando descobriram, ele se transformou na lua.

O *meske nane* jenipapo cai com o galho a fruta delas e média, muito preto para pintar na cara no braço e no corpo e também a gente usamos muito a jenipapo no tempo do batismo de *nixpu pima* na hora do *nixpu pima*, pai a mãe e todas as crianças têm que pintar todo mundo, e faz a dieta antes de largar a pintura do jenipapo. Também quando a menina moça tem a primeira menstruação, temos que passar jenipapo no corpo dela e ela deve fazer dieta para viver a vida tranquilamente.



Nane muyui tese

Nane haskawati xarabu ē kene tese kayawai, ha ē bakebu inū, ē bababu habu bakeyatā hatu yusi pake nū bari nūbū ē tese kaya keneshuki nanerā. Habia tsamī hayaki: awa nane inū, tushku tima nane inū, meske nane hayaki, awa nanerā hawē bimirā ewapabuki. Mī hawē keneārā mawaira mexuismaki, ha tushku tima nanerā hawē Yube nawā hawē puī hune memiskē ha pui haratutū ea mebirā birāni iki mekāi manawe ē unā tiwayrā ishu. Ha tushku tima nane kētxaki hushketā haki meshpukū ika, rakakē huni kiaki: ana menū ikarā, ha meme atuxiaya ani kiaki, ha nane meshpukū ikawē bemā, bemā akinā. Haskawa ūpashwē betxukia, tushkuamakē rakei nimerā, ka yameki nuku kirā kirāni, hanua hawē txaibetā nimerā kashu bēkū nawa mekī teshtemaxiā. Hawē bushka besti huxishū hatu yuikī; ea pimawe, ea upash amawe ishū, hatu bikawa haki rakeki, hiwe kene keyukī akaibū, rakei naiyuri inatā usheni kiaki. Haskaya ha meske nanerā haki mī rapushekea mexui inū, mī kenea mexu miski haskai, nixpu pima tiā habia huni ewa inū, aību ewa inū, habia bake ixta keyu hawē kenetiki. Haskai inū, aību txipax himi iki taekē, hawē rapushtā habia kekū shaba samakematiki. Haska inū, bake ixta ewapama kāi bena ma rabe ushe haya tanaya; rapush riatiki, nami mukanai hawa isī meama, yume miskiaki. Haska inū, nanerā kupināki mī yuraki tūku miski; nane tukuirā haska inū, tuxmutā mī shātuaya, nane shātuirā yane buismaki txami, ewapa kukāi miski. Mī rau menimarā, haskaya mestebū rau kuī meni mī yuia mia rauwa mī māi tiruki. Haska inū, nanerā huxiā sheati inū, na beyustiā hawe kenetā beyus misbuki, yuinakapā nane pikinā: shawe inū, awarā besti amiski. Haska bestiki hatu ē bixa shūxinaki. Shane txana ni ibu mae shanē: Ni nāke tapa hene yuraya namaki ē hiweaki, haux, haux



*Huni Kuī pintados de jenipapo e urucum - Terra Indígena Kaxinawa do Rio Jordão.
Foto: Josias Mana Kaxinawa*



Capítulo 2

Considerações finais

Nessa pesquisa, contei um pouco das histórias que vem da floresta do Acre do alto rio Jordão. São histórias que meu povo conta que escutei e registrei. Acho importante poder mostrar essas histórias para os alunos das escolas indígenas. E para outras pessoas que tem interesse em saber como a gente vê e entende o mundo através das nossas histórias. Também procurei registrar nessa pesquisa um pouco do meu trabalho, pois venho há muitos anos registrando os meus afazeres nos meus diários de trabalho.

Durante a minha formação como agente agroflorestal indígena, aprendi muitas coisas com os meus professores e professoras na escola do Centro de Formação dos Povos das Floresta, espaço que pertence à Comissão Pró Indígena do Acre. Também aprendi muitas coisas com os mais velhos que vivem na minha aldeia. E, durante esses sete anos de formação, aprendi muitas coisas através do meu trabalho, que é direcionado para a gestão territorial e ambiental da minha terra e através das minhas atividades de extensão rural que venho realizando na minha aldeia e na minha terra indígena. A gente aprende através das nossas práticas agroflorestais, pois podemos acompanhar todo o desenvolvimentos dos sistemas agroflorestais que a gente vem implementando e manejando.

Seria muito importante que essa pesquisa fosse publicada, pois pensei muito nos alunos e nas pessoas, que sabem ler nas terras indígenas, terem esse material para usar em suas escolas ou poder ler em suas casas.

Fiz o trabalho nas duas línguas, em português e hãtxa kuĩ, pois é importante valorizar nossa língua indígena e o nosso povo ter material escrito em língua indígena, pois é muito difícil encontrar livros escritos em língua indígena no Brasil e se a gente não fizer, ninguém vai fazer.

Mesmo finalizando o ensino médio profissionalizante com a apresentação dessa pesquisa, eu quero continuar os meus estudos para conhecer e aprender mais, quero conhecer outros conhecimentos para ajudar a vida das pessoas na minha comunidade. Muito haux haux e hã hã hã.

Ha “diário” nukū una nu haya niaki, haki hati mī rayawai bixatiki, mī hakima timarā haki miyui kenekī, rau kuī yuka ishū kenekī. Na mimawa katxana kenekī, na nixi pae atā meka xarabu keneki, na habia hati mī rayawai haki bixatiki. Nukū “diário” ukuri kenetā, ukuri haki ramiwatiki, haskawatā ha shanē ibu mī yuiya mia manakui kiki. Shae itxatamarā mī haskawamarā, mī biamaki peirā.

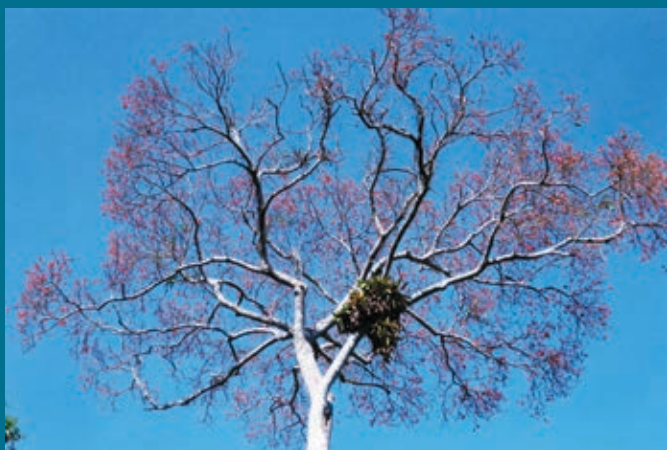
Aldeia Bom Jesus, Terra Indígena Kaxinawa do Rio Jordão. Foto: José Ferreira Mendes





COLEÇÃO SABERES DA FLORESTA

Saberes da Floresta é uma coleção de pesquisas interculturais realizadas pelos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre, na área de gestão territorial, como trabalhos de conclusão do Ensino Médio profissionalizante. A edição desses livros apresenta outras formas, igualmente sensatas, de perceber a biodiversidade, além daquelas apresentadas pela ciência ocidental. A Coleção pretende oferecer aos alunos das escolas da floresta e aos indígenas letrados pesquisas realizadas pelos próprios indígenas, valorizando o conhecimento tradicional, mostrando distintos modos de compreender e manejar o mundo.



Realização



Apoio



SECRETARIA DE ESTADO DE
MEIO AMBIENTE



Rainforest Foundation
Norway

As florestas são culturais, é onde nós vivemos e convivemos com as plantas, animais, pessoas e espíritos e dentro dela também tem muitas histórias dos povos que vivem dentro dela. Ao longo dos anos, de muitos anos, nós, povo Huni Kuĩ, manejamos as florestas, plantamos nas florestas, fazemos também as florestas e até agora nossa terra é quase toda ela coberta de floresta. As florestas são muito importantes para nós e para todos do planeta, pois é ela que ajuda a manter o clima e a vida no planeta.

Esta pesquisa é sobre as histórias de algumas árvores com espíritos fortes, árvores que nós respeitamos e outras que nós usamos. Essas histórias são bonitas e ainda as pessoas mais velhas contam e achei importante registrar algumas delas. Primeiro, pensei em deixar uma pesquisa para os jovens conhecerem melhor a nossa cultura, para os alunos das escolas indígenas que ainda tem pouco materiais didáticos que fale sobre nós, Huni Kuĩ, e para quem gosta de conhecer as histórias que vêm e vive da floresta, do alto rio Jordão.

José Rodrigues Paiva Kaxinawa